



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MAISA ALVES

**ENTRE ALFINETES E SPIKES: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE *PUNK* E
HARDCORE EM ARAGUAÍNA-TO E REGIÃO**

Araguaína – TO

2016

MAISA ALVES

**ENTRE ALFINETES E SPIKES: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE *PUNK* E
HARDCORE EM ARAGUAÍNA-TO E REGIÃO**

Trabalho de Graduação submetido ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Plábio Marcos Martins Desidério.

Araguaína-TO

2016

Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção do título de licenciado em História.

Maísa Alves

Monografia apresentada em ___/___/___

Orientador: Professor Dr. Plábio Marcos Martins Desidério
Universidade Federal do Tocantins

1º Examinador: Professora Dr. Rosária Helena Ruiz Nakashima
Universidade Federal do Tocantins

2º Professor: Professor Dr. Braz Batista VaS
Universidade Federal do Tocantins

Araguaína – TO

2016

O morcego

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

“Vou mandar levantar outra parede...”
— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minh 'alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!

Augusto dos Anjos, 1912

Dedico este trabalho a todos aqueles que me ajudaram direta ou indiretamente na minha graduação. Sem vocês todos estes anos seriam muito mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe que apoiou minha vinda para Araguaína e que acompanhou mesmo à distância minhas vitórias.

Aos meus tios Regilene e Davi, assim como meus primos Wylla, Nayhara, Whaga e Ruan, que me acolheram nos meus dois primeiros anos de graduação, me dando um lar e carinho. Vocês foram um porto seguro e âncora para minha formação.

Ao William, namorado dedicado que sempre acreditou na minha capacidade, me incentivou desde o meu vestibular. Aguentou firme todos meus bons momentos e minhas mágoas e frustrações. Obrigada por me dar a honra de ter uma pessoa tão especial como você todos estes últimos anos.

A Loann e Philip, patrões, amigos e tutores. Duas pessoas maravilhosas, que sou muito feliz de ter conhecido e ter o prazer de viver diariamente. Muito obrigada Loann por ter puxado minha orelha e me dado credibilidade

A Graziela que me ajudou tanto em todas as áreas da minha vida, me fez crescer. Te admiro e muito e espero que possamos estar próximas por muitos outros anos. Você fez eu acreditar em mim mesma, quando eu já não conseguia.

Ao Bruno que me ajudou nas madrugadas, que me deu dicas e me ajudou a construir tudo isto. Você é um amor de pessoa, foi um grande prazer ter te conhecido.

A todos os amigos próximos, familiares do meu Piauí e a minha família do FISK. Vocês são muito importantes! Obrigada por me ajudarem e estarem sempre comigo.

RESUMO

Este trabalho apresenta o perfil dos integrantes do movimento punk/Hc na região de Araguaína-TO, através de uma reconstrução e análise contextual das primeiras manifestações do movimento no mundo, até a nossa realidade. Em uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, aplicou-se questionário aberto com 14 sujeitos de idades variadas que fazem parte do movimento. Conseguimos concluir que mesmo em uma região considerada como sertão o movimento *Punk/HC* para sua manutenção, vive em rede com outras localidades regionais, perpetuando a ideia: “Faça você mesmo”. Tendo suas composições e mobilização a peculiaridade regional como inspiração, peculiaridades estas que tornam o *punk* fluido, agregando componentes diversos em sua identidade.

Palavras Chave: Punk/HC, Identidade, Jovem.

ABSTRACT

This research serves to build the profile of the members of the punk/HC movement in Araguaína-TO and region, through the reconstruction and contextual analysis of the first manifestations of the movement in the world, and bring it to our reality. In one qualitative research of an exploration nature an open questionnaire was applied with 14 subjects containing varied ages that are taking part of the movement. We concluded that even in a region considered as backwoods, the movement punk/HC for its maintenance lives in a net that connects it with other locations perpetuating the idea: Do it yourself. Founding its own compositions and mobilization on regional peculiarities, because of this, the Punk / HC that are made in that region is fluid and adds various components to his own identity.

Key-words: Punk/Hc, Identity, Young.

SIGLAS

R&B : rhythm-and-blues

HC: Hardcore Spikes

CBGB: Country, Bluegrass, and Blues

LP: Long Play, conhecido como disco de vinil

AI: Ato institucional

ABC Paulista: Região do Grande ABC. ABC, é uma região tradicionalmente industrial do estado de São Paulo, parte da Região Metropolitana de São Paulo, porém com identidade própria. A sigla vem das quatro cidades, que originalmente formavam a região, sendo: Santo André (A), São Bernardo do Campo (B) e São Caetano do Sul (C).

LGBTTT: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros

NME: New Musical Express, é uma revista britânica de música publicada semanalmente desde Março de 1952.

PIB: Produto interno bruto

Figura 2 - Performance da banda Sex Pistols.....	18
Figura 3 – Folheto de divulgação	44
Figura 4 – Elaboração da capa do EP SUS- Sistema único de sofrimento.....	45
Figura 5 - Resultado final da capa do EP- SUS	46
Figura 6 – Conscientização.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – PUNK DO INÍCIO ATÉ O SERTÃO	12
1.1 O contexto do surgimento	12
1.2 O surgimento	14
1.3 O punk no Brasil	23
1.4 O punk no sertão	31
CAPÍTULO II - ANÁLISE DE QUESTIONÁRIOS	35
2.1 Heterogeneidade na construção de uma cena underground entre fronteiras do Norte do Tocantins	36
2.2 Idade à qual os indivíduos se identificam com o movimento punk/Hc	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICES.....	59
Apêndice 1. Questionário	
Apêndice 2-Tabulação dos Dados da Pesquisa	

INTRODUÇÃO

O *Rock n' Roll*, surgido nos anos de 1950, com batidas advindas do *country* e R&B (*rhythm-and-blues*), trouxe o início dos berros e ritmo acelerado que veio a ter vários segmentos, sendo um deles o bastardo *punk*. Este que foi o estilo que me instigou na adolescência me proporcionando afeição e curiosidade com teorias sociológicas, mesmo que superficialmente, e que me trouxe vários questionamentos com o ingresso na universidade. A partir do momento que fui inserida às teorias do contemporâneo, percebi a necessidade de dar visibilidade à este grupo que é tido como inexistente em nossa região.

Keith Morris, vocalista da banda *Black Flag*, no documentário *Punk Attitude* (2005) afirma que “no ano em que punk acabou basicamente foi quando as portas das grandes gravadoras, os grandes selos abriram as portas dizendo “entrem”.” Há um consenso de integrantes de bandas que estrearam o punk no mundo de que ele morreu. Mas até que ponto podemos dizer que uma manifestação cultural morreu?

Os punks, aqueles jovens com toda a euforia ideológica de mudar o mundo através de uma canção, de se reunir apenas para jogar conversa fora, apenas para fortalecer seus vínculos afetivos. Mas quem são eles? Como vivem diante de uma região que os exclui das estatísticas? E como essa identidade regional influencia na construção de sua identidade cultural? Iremos no primeiro capítulo, fazer um resgate de antigos questionamentos, como quanto ao ano e local do surgimento da cena Punk e Hardcore, (que no texto iremos tratar pela sigla HC). Pesquisaremos e iremos tentar compreender como estes grupos se formam através de autores como Stuart Hall

(2005), Michel Maffesoli (1987) e Bauman (2004) e O'Hara (2005) que em seu livro “A filosofia do punk: mais que barulho”, traz uma história do surgimento da cena com fotografias, é um livro feito por fã seguindo a linha “faça você mesmo”, e que irá nos nortear na construção de uma história do movimento.

Para procurarmos responder quem são estes indivíduos, no segundo capítulo iremos analisar alguns questionários com indivíduos que se identificam com o movimento *punk* e *Hardcore* em Araguaína e região, os mesmos foram encontrados via redes sociais e indicações de conhecidos. Os questionários elaborados

continham questões objetivas e subjetivas, tentando trazer o máximo de informações possíveis para a elaboração deste trabalho.

O método de pesquisa a ser utilizado será o da pesquisa qualitativa de cunho exploratório, sendo este um método que visa a revisão bibliográfica e documental acompanhada de pesquisa de campo, usando como fonte os questionários respondidos por integrantes do movimento punk/Hc de Araguaína e região, imagens, letras de música e folders.

CAPÍTULO I- PUNK DO INÍCIO ATÉ O SERTÃO

“Para começar, vou dizer o que acho que o punk não é: ele não é uma moda, um certo estilo de se vestir; uma fase passageira de falsa rebeldia contra seus pais; a última moda irada ou mesmo uma forma específica de estilo ou música, de fato. É uma ideia que conduz e motiva sua vida. A comunidade punk que existe o faz para apoiar e concretizar essa ideia através da música, da arte, de fanzines e outras formas de expressão de criatividade pessoal. E o que é essa ideia? Pense por si mesmo, seja você mesmo, não aceite o que a sociedade lhe oferece, crie suas próprias regras, viva sua própria vida.”(O’HARA apud ANDERSEN, p.40, 2005)

1.1 O contexto do surgimento

O temor de uma ameaça nuclear, com tensões ideológicas, não era o único medo que espreitava a sociedade. Em 1965 as primeiras tropas são enviadas ao Vietnã para o mais longo conflito ocorrido após a segunda guerra mundial. Após a segunda guerra, o Vietnã é dividido entre Norte e Sul, Norte socialista, onde ficaria a República Democrática do Vietnã, sob o controle de *Viet Minh* e Sul capitalista como o Reino Unido do Vietnã, liderado por *Bao Dai*, e apoiado por norte-americanos e franceses. Parte do Vietnã era livre, mas ainda vivia com a ameaça norte-americana/ocidental que os via como uma região importante para a disseminação do comunismo na Ásia, principalmente após a Revolução Chinesa. Uma revolução comunista no Vietnã poderia levar a um efeito dominó nos países asiáticos.

Os movimentos contra a guerra foram um dos fatores que influenciaram fortemente o movimento contracultural. Em 1967 o guerrilheiro Ernesto Che Guevara é executado na Bolívia e em 1968 o líder do movimento negro Martin Luther King é assassinado. Tempo de muitos protestos, de vitórias e derrotas nos movimentos estudantis, em 1968 os estudantes começaram a sua luta em vários pontos do mundo. Em 2 de Fevereiro na Argélia, 8 mil estudantes manifestaram contra a interferência do governo em seu diretório; na Espanha os estudantes reivindicavam

na Universidade de Madri, e em maio foi o período francês de maiores lutas estudantis.

As práticas culturais e estéticas têm total ligação com seu contexto, tempo e espaço. Não se pode dissociar estas práticas de seu contexto histórico, pois viriam a se esvaír de significados. Criam-se representações artísticas, principalmente, naqueles momentos de crises. A sociedade cria suas próprias válvulas de escape para as dificuldades do cotidiano. Devido às grandes agitações políticas e sociais surgem os movimentos contraculturais, como os Estados Unidos dos anos 50, por começar a se compor uma geração de jovens rebeldes inconformados; mesmo que não tenham um foco político inicial, os primeiros representantes contraculturais são os *beatniks*, jovens escritores e poetas conhecidos pelo seu ar descontente e boêmio.

O movimento contracultural, que passa a tomar corpo nos anos 60, se concretiza através das artes, como a música, a atuação política e em uma forma de organização social como o movimento *hippie*. O *rock n' roll* torna-se um dos pontos artísticos fundamentais para a contracultura nos anos 60. Era uma música feita por pessoas mais velhas para alcançar uma geração jovem, com nomes conhecidos e marcados até hoje, Bill Halley e Elvis Presley, por exemplo. No entanto, “só a partir do surgimento do Rock'n Roll é que, efetivamente se notará a caracterização de uma

‘cultura jovem’ (BRANDÃO & DUARTE, 1995, p. 20)

Os jovens passam a escrever para sua própria geração, o *rock* passa a se tornar um estilo de vida e comportamento. Nomes como Led Zeppelin, Pink Floyd Jimmy Hendrix, Janis Joplin, Beatles, Bob Dylan, Deep Purple faziam e fazem até hoje grandes alvoroços.

Porém, o rock psicodélico, na visão dos punks da época, já não propiciava identificação com os jovens, tendo em vista que eram financiados por gravadoras; se distanciando assim do povo, da juventude. Antes, aqueles jovens interagiam e se viam representados pelos artistas. Como foi o caso de Bob Dylan, com suas músicas que se tornaram hinos nas marchas pacifistas que buscavam igualdade racial ou protestavam contra a guerra. As estrelas do rock faziam músicas com solos que duravam minutos, e não havia interação.

O rock é uma música popular, um produto do século XX, intimamente ligada à busca de excitação corporal, ligada à urbanização e surgimento das classes populares urbanas. Como afirma Napolitano, (2002), “não podemos esquecer uma função social básica que a música sempre desempenhou: a dança. Elemento catalisador de reuniões coletivas. (...) a música popular alimentou (e foi alimentada) pelas danças de salão”(p. 9). Naquele momento específico, o Rock havia deixado de fazer seu papel como música popular dançante, sendo necessária a criação de um novo grupo que pudesse fazer sua música sem a interferência das grandes gravadoras que não lhes guiaria com a mão da censura. A nova música viria enérgica e por mãos inexperientes, qualquer um poderia aceitar o convite e mostrar o que há em si mesmo. Nesse contexto que surge o punk, um modo simples de se fazer música, no qual qualquer um poderia tocar.

1.2 O surgimento

Punk, a palavra que batizou o movimento surgiu a partir da publicação da revista americana *Punk magazine*, publicada pelo jornalista Legs McNeil, em 1975, com a ajuda do cartunista John Holmstrom. A mesma abordava a cultura *pop* dos anos 70 e de tudo que gostavam. Na época, a palavra era usada por policiais da TV para falar com bandidos e por professores com alguns alunos que fugiam às suas expectativas. Entretanto, este nome já trazia suas cargas negativas desde muitos antes. Daniel Rodrigues, em “Anarquia na passarela”, traz a definição da palavra punk antes de ser o que conhecemos hoje

[...] já no século XVII, na peça *Medida por medida*, de William Shakespeare, escrita em 1603, a expressão aparece pela primeira vez com feições mais próximas de sua significação atual nos anos 60 do século passado, num livro do escritor norte-americano William Burroughs indicando algo como marginal. No célebre filme *Juventude transviada*, de 1955, a gangue briguenta e bagunceira de maus elementos de classe média-alta norte-americana ouve da boca do astro do filme, James Dean, um agressivo xingamento para a época: “Punks!”, prenúncio do lado mau do movimento. (RODRIGUES, p. 26, 2012)

Para James Chance, integrante do *The Contortions*, *punk* originalmente significaria um cara na cadeia que foi estuprado. Mas, o que deu a notoriedade à palavra em relação a este movimento é a revista norte americana *Punk magazine* de, 1975.

Com um ódio pelos hippies que só se igualava em intensidade ao amor por TV, junk food e rock'n'roll, o adolescente Legs McNeil resolveu montar, junto com o amigo cartunista John Holmstrom, uma revista para falar daquilo tudo de que gostava. Pensou em chamá-la de Teenage News (notícias adolescentes), mas achou o nome bobo. Queria uma opção de leitura para garotos como ele “que faziam festas quando os pais não estavam e destruíam a casa, que roubavam carros para se divertir”. Nisso, o nome veio cristalino: punk. Lou Reed (retratado na capa em hilariante caricatura) e os Ramones, foram os entrevistados do primeiro número, que, anunciada em cartazes em Nova Iorque, lançou a palavrinha mágica e subversiva ao mundo. Na época, punk era o termo que os policiais da TV, como Kojak, usavam para chamar os bandidos insignificantes, ou os professores para ralhar com os alunos imprestáveis (RODRIGUES, p. 33, 2012 apud. ESSINGER, S. op. cit.; p. 32)

O que entendemos como punk rock hoje em dia, não é o que realmente era nos primeiros anos de seu surgimento nos Estados Unidos. Consideradas como bandas protótipos elas são chamadas proto-punk. Eles queriam fazer uma revolução cultural, mas não tinham ideia do que estavam fazendo, não era algo organizado e pensado. A data do nascimento do movimento não é algo preciso, tendo como período o final dos anos 60 início dos anos 70 em Nova York, com várias bandas independentes que se apresentavam na casa de shows CBGB que significa *Country Blues Grass Blues*, até hoje cultuada por integrantes do meio *underground*. Tendo, também, como centro de comunhão a *Factory*, apartamento-ateliê do artista plástico *Andy Warhol*, *Max's Kansas City*, *Mercers Arts Center* e o *Bowery*. Porém, não há um consenso entre historiadores quanto ao local de seu surgimento, se foi a cena¹ nova-iorquina dos anos 1960/70 ou a inglesa de 1975/76. Para O' Hara (2005) os nova-iorquinos criaram o estilo e os ingleses o popularizaram.

¹ Uma das palavras mais pronunciadas pelos punks, designa o ambiente em que este circulam. Assim, a “cena” é composta pelas casas onde acontecem os shows, pelas lojas que vendem discos punks, pelas distribuidoras que distribuem material punk, e obviamente, pelos próprios punk, como no exemplo: “ fulano (a) faz parte da cena”.

Toda cena engajada tem seu ponto marcante de encontro e socialização para que haja o intercâmbio cultural. O CBGB, fundado em dezembro de 1973 por Hilly Kristal, um dos maiores celeiros musicais da época, com importante significação para a criação de novas bandas, como *Television*, *Patti Smith* *The Dictators* e o até hoje aclamado Ramones. Tinham como regra que apenas cantores com composições autorais poderiam se apresentar.

Para Kristal (2005), essas bandas não eram o que se pensaria ser punk rock, não tinham riffs² acelerados, nem uma batida de gravação punk. Os cantores que lá se apresentavam tinham influências intelectuais de poetas e escritores, com os quais os integrantes haviam crescido. Através da revista *Punk Magazine*, que apresentava vários artistas ligados ao CBGB, todos passaram a ser chamados de punks, nenhuma das bandas se autodeclaravam punks ou queriam assim serem chamadas. Mas, mesmo não tendo um estilo musical punk, eram punks em atitudes.

Já na Inglaterra, a cena tem seu surgimento datado do ano de 1975, em Londres, com a loja de produtos alternativos Sex. A Inglaterra também vivia momentos de crise econômica. Uma juventude que estava desempregada vivendo de seguro desemprego. O punk na Grã-Bretanha era essencialmente composto por jovens brancos da classe operária desprivilegiada, Para O' Hara (2005) não levar em consideração a situação econômica a qual o punk se dissemina, leva a uma desvalorização do seu caráter filosófico, pois para a juventude o nível de desemprego nos anos 70 na Inglaterra subiu 30%. Fora da escola e sem dinheiro se via com pouco ou nenhum futuro, a música se tornou uma escapatória, a perspectiva de vida parecia desanimadora. Eles não eram teóricos sociais ou tinham políticas bem desenvolvida, eles eram fúria e ódio, anti-conformismo e a todos os 'ismos' filosóficos e sociais, que, para eles, pareciam ideias falidas.

Se hoje conhecemos uma estética punk, foi devido à loja Sex, pois ela teve seu papel fundamental na propagação do Punk como o conhecemos hoje. Os donos da loja eram Malcom McLaren e a estilista Vivienne Westwood. "A loja Sex tinha uma ideologia definida, o lance não era vender coisa nenhuma, era criar uma atitude, recorda McLaren" (RODRIGUES, 2012, p.43). Eles popularizaram e criaram uma indumentária, um estilo ao qual não era definido ainda nas bandas nova iorquinas. O

² Um riff é uma progressão de acordes, intervalos ou notas musicais que são repetidas no contexto da música

punk norte americano era muito mais punk em atitudes do que em estética, não estavam muito interessados nos trajes, vestiam suas roupas comuns e apenas queriam fazer suas músicas aceleradas.

As influências estéticas que inspiraram McLaren vieram do *New York Dolls*, as bonecas de nova iorque, e de Richard Hell. Os *New York Dolls*, banda surgida em 1971, tiveram na primeira metade dos anos 70 seu auge, ditavam moda com sua música berrada, violenta e rápida, que contrastava com as suas vestes femininas, como prostitutas. Demonstam a decadência de uma sociedade consumista, tanto que um de seus principais *singles* é *Trash*. Não são gays ou travestis, apenas usam algumas roupas e acessórios femininos com batons borrados e esmaltes nas unhas.

A banda influenciou bastante o movimento Punk nova iorquino com suas influências andrógenas³ e glam rock. Mesmo em seu curto tempo de atuação, de dois anos, foi produzida por McLaren. Muito próximo ao seu fim, o empresário prevendo o desfecho do grupo, organizou uma apresentação com aquilo que os Estados Unidos mais temem: o comunismo. Todos os “bonecas” travestidas em vermelho, assim como seu cenário e uma grande bandeira comunista ao fundo, foi o fim.

Após o término da banda, McLaren importa para os ingleses o movimento, imitando-o e o transformando em algo mais inglês, mais violento. Vendia-se punk. Os punks substituíram o *love and peace* por *sex and violence*.



Figura 1 – capa do primeiro disco do *New York Dolls*

³ Aquele que apresenta características, traços ou comportamentos imprecisos, entre masculino e feminino, ou que tem, notavelmente, características do sexo oposto.

O escritor italiano Umberto Eco afirma que “ a linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certos significados, mediante certas formas significativas”, mas, igualmente, “ para identificar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para os transmitir. ” (ECO apud RODRIGUES, 2012, p. 17).

Para Anouk, a banda *New York Dolls*, demarcou o fim dos anos 60 com sua ideologia *hippie*, unindo em sua formação o lado feminino das *girl bands* dos anos 60, provocações das artes cênicas independentes, influências do *Glam Rock*⁴ londrino e a violência nova iorquina.



Figura 2 - Performance da banda Sex Pistols

O ponto comum, musical e ideológico, era a insatisfação com as bandas de rock que se tornaram estrelas agenciadas das gravadoras, com suas grandes orquestras e solos intermináveis de guitarra. Não havia mais a interação com o público, o rock havia se tornado, nas palavras de O’Hara, diluída, “O rock se tornou “mercadoria, uma música comum promovida e embalada pelos gigantes corporativos, superficial.”(O’HARA 2005, p. 30)

O que o momento propiciou, foi o surgimento de várias bandas de garagem. Todos queriam criar sua banda. Surgiram *The Clash*, *Crass*, *Conflict*, que tinham como ídolo a banda *Sex Pistols*. A banda inspiradora foi idealizada pelo empresário

⁴ Gênero musical criado na Inglaterra também conhecido como *Glitter Rock*. Nascido no final dos anos 60 e difundido no início dos anos 70. Ele surgiu como uma reação a contracultura *Hippie* e ao rock progressivo. A sonoridade misturava *rockabilly* dos anos 50, música de cabaré e sons pesados de guitarras e baterias.

McLaren. Ele afirma que queria formar um grupo de assassinos sensuais para demolir

essa ideia velha e boba de rock

and roll, acabar com esse sofrimento moribundo. Eles tocavam em todos os lugares com seu ritmo acelerado e música simples, que trazia o ódio e desespero, falavam sobre violência contra o sistema, sexo, racismo, aborto. Não saber tocar bem era a arte da cena, faça você mesmo é a ideologia, crie, não se deixe levar pelo sistema. *God Save the Queen* (Deus salve a rainha), lançada em 1977, tornou-se *single* da banda britânica *Sex Pistols* e foi a 1º vez que uma música tornou-se número 1 nas paradas pela revista NME, que todo ano premia os grupos que se destacaram no ano. A banda teve o nome censurado. Em cinco dias foram vendidas 150 mil cópias mesmo sendo censurada nas rádios e TV.

Deus salve a rainha

Deus salve a rainha
 O regime fascista
 Fez de você um retardado
 Bomba-H em potencial
 Deus salve a rainha
 Ela não é um ser humano
 Não há futuro
 Nos sonhos da Inglaterra
 Não diga o que você quer
 Não diga o que você precisa
 Não há futuro, não há futuro
 Sem futuro, sem futuro para
 vocês Deus salve a rainha
 Nós queremos dizer isso, cara
 Nós amamos nossa
 rainha Deus salve Deus
 salve a rainha
 Porque turistas são dinheiro
 Nossa revolta Não é o
 que ela parece
 Oh, Deus salve a história
 Deus salve a nossa parada louca
 Oh, Senhor Deus tenha piedade
 Todos os crimes são pagos
 Quando não há futuro
 Como podemos estar em
 pecado? Nós somos as flores no
 chiqueiro Nós somos o veneno
 em seu sistema Nós somos o
 futuro
 Seu futuro
 Deus salve a rainha
 Nós queremos dizer isso, cara
 Não há futuro
 Nos sonhos da Inglaterra
 Sem futuro, sem futuro
 Sem futuro para mim
 Sem futuro, sem futuro para vocês

Tradução *God Save the queen* – Sex Pistols (1977)

As características intrínsecas a esses grupos contraculturais que surgiram nos anos 60 e 70, como é o caso das bandas já citadas, tais como estilo de roupa e cabelo, linguagem e comportamento caracterizam-se como um fenômeno tribal. O fenômeno das tribos urbanas não é algo novo dentro de nossa sociedade, contudo, se difere do tribalismo clássico. Maffesoli (1987) afirma que o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos

pontuais e pela dispersão. Há uma saturação da individualização do sujeito, a metáfora das tribos traz a valorização do papel de cada indivíduo dentro de sua tribo e do papel o qual este indivíduo desenvolve naquele espaço, sendo que os indivíduos que a compõem podem migrar de uma tribo a outra.

Nas estruturas tribais modernas o indivíduo tinha uma função social ligada a uma organização político econômica, enquanto que na pós-modernidade o papel do indivíduo é resultado da identificação afetiva. O termo em inglês “*feeling*” é o que serve de critério para medir a qualidade das trocas interpessoais, e isso é o que traz a instabilidade dentro do nosso modelo de organização racional, o sentimento é o que há de mais instável. A estética é a “aura” que particulariza nossa época, como a aura teológica da idade média e a progressista do século XIX.

A aura estética é a pulsação comunitária, uma abertura para o relacionamento com o outro. Ao se ver com características semelhantes que se atribuem a um grupo, pode vir a se criar uma relação. Essas relações se dão de uma forma afetiva que compõem uma ética social entre os integrantes da mesma “a sensibilidade coletiva, originária da forma estética acaba por constituir uma relação ética” (MAFFESOLI, 1987, p. 27). A relação ética traz, por muitas vezes, silêncios coletivos para ajudar um integrante do grupo, por exemplo. Não há uma persuasão social, mas uma identificação no imaginário coletivo.

Há uma centralidade no estar junto que fundamenta a estética que se transforma em ética grupal, este é o *costume*, é o não-dito implícito nas trocas simbólicas, são estes os usos comuns que permitem que os indivíduos se identifiquem como parte do todo. Há uma sacralização das relações sociais em que o costume tem a função de firmar o contrato implícito entre os indivíduos. Maffesoli (1987), afirma que da mesma maneira que o ritual litúrgico torna a igreja visível, o costume faz uma comunidade existir como tal. (p. 32)

Os rituais exercidos dentro de um determinado grupo como beber, jogar conversa fora, ou se drogar são atos banais, mas que dentro de um cotidiano grupal é o que cria uma aura que fortifica e dá sentido ao tribalismo. Nestes atos se fortalecem os vínculos afetivos, criando a identificação e o sentimento

de pertencimento. Isso aconteceu com o sentimento *junkie*⁵, tão presente na maior parte dos integrantes de grupos musicais dos anos 60 e 70. A aura que os mantinha era a das drogas .

Richard Lloyd: Naquela época, eu estava ficando muito, muito comum ser um junkie no Lower East Side. De manhã você via gente em fila, como se fosse para ver um filme de sucesso – numa fila de quinze metros de extensão -, com o pessoal que vendia a droga percorrendo a fila pra cima e pra baixo dizendo: “Fiquem com o dinheiro na mão, vamos abrir em dez minutos.” Sabe como é: “ Nada de notas de um dólar, você tem que ter notas de cinco ou dez”. E tinham um cardápio, tipo: “ Hoje a gente tem da coisa marrom, da coisa branca e cocaína.” (MCCAIN; MCNEIL, 2009, p. 273)

A importância da estética se dá de uma forma mais profunda mesmo se ocultando na superfície, pois ela se incorpora nas atitudes, teatralidade. O ato de interpretar dentro da sociedade pós-moderna é algo fluido que nos faz incorporar aspectos díspares, mas que nos representam, como no caso de um curto prazo de dois meses no qual o punk inglês teve como música de entretenimento o *reggae*, como nos apresentam alguns integrantes do movimento no documentário “*Attitude*”. O “borboletear” entre grupos é o que torna as tribos urbanas algo vívido e de mutação constante.

O ato da teatralidade performática, algo particularmente acentuado à sociedade pós-moderna que anseia por imagens, teve como alvo, no início da cena punk, um grande espetáculo teatral, pois a política punk era a de provocar a interação com o público. Era algo certo, mas não tão agradável aos desavisados como vomitar no palco, cuspir na plateia e exhibir feridas obtidas por meio de automutilação. A plateia, em contrapartida, jogava tudo que estivesse à mão no palco, mas eles não paravam. Contudo, esta interação foi diminuindo conforme os palcos cresciam. Não é de se espantar que esse novo modo de se fazer e interpretar música tenha vindo parar no Brasil.

⁵ Pessoa que sofre de dependência de drogas mais comumente usado para se referir a um viciado em heroína.

1.3 O punk no Brasil

O período o qual a cena punk entra no Brasil é bastante conturbado política, econômica e culturalmente. Estando no final dos anos 60, início dos anos 70, marcado por uma ditadura que se inicia em 1964. Com a ascensão do militar Castelo Branco, a vitória dos golpistas é festejada com marchas da família com Deus pela liberdade e que foram uma série de respostas da população à “ameaça comunista” seu ápice no comício de 13 de Março de 1964 pelo então presidente João Goulart. As marchas se iniciam em 19 de março, dia de São José, padroeiro das famílias, que foi uma grande contribuição para o golpe, como uma adesão da população aos ideais militares. O governo ditatorial se inicia de leve com um militar liberal, que conduziria a transição e a formação de uma ditadura estável.

A ditadura militar, mesmo não se importando em manter um critério de coordenação do governo, buscava sistematicamente a institucionalização da repressão fundada na utopia autoritária. Para tanto foram criados os atos institucionais, AI's, que legitimavam o poder dos militares. A ditadura trouxe cassações de mandatos, anulação de partidos políticos, mantendo uma política bipartidarista, torturas e mortes.

O país apresentava um período de grande crescimento econômico, com um olhar favorável aos direitistas para o governo que se seguia. Inicia-se uma ascensão da classe média com o surgimento de novos postos de trabalho, principalmente na indústria, afetando diretamente no consumo. A infraestrutura, alvo de investimentos, como a construção de ferrovias, estradas, aeroportos etc. Esta estabilidade econômica tem seu declínio. O acúmulo de empréstimos, gerou uma onda de crises somada à crise do petróleo de 1973, aumento da inflação e queda do PIB. O período de alta inflação e queda do crescimento econômico durou até a década de 80, com números alarmantes de desemprego que afetou principalmente aos jovens.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada em 1976 pela FIBGE, revelou que 44 por cento das famílias brasileiras se incluem no que se

considera a faixa de pobreza, tendo acesso a uma renda total (monetária e não monetária) inferior a dois salários mínimos. Como o salário mínimo decresceu nos últimos 20 anos, o menos que se pode concluir é que cerca de metade da população foi excluída de qualquer benefício do considerável aumento de produtividade ocorrido durante esse período.

(FURTADO, 1983, p.59).

Em 1974, Ernesto Geisel assume o poder com o discurso de democratização. A transição ocorreria de forma lenta gradual e segura. O regime passava por um desgaste, em 1974 completou-se o décimo ano da ditadura e com uma série de conflitos com os jovens brasileiros por liberdade de expressão, passeatas, como a dos cem mil, o esgotamento do “milagre” e a vitória da MDB, que, em 1978, passa a ser uma ameaça real. O fim era inevitável, mas ainda demorou onze anos para se concretizar. Mesmo dentro de um período de forte repressão política, houve um grande florescimento cultural no Brasil. Converteram-se em apresentações fechadas os intelectuais jovens de classe média, o cinema novo, roda viva, tropicalistas, dentre muitos outros movimentos artísticos que floresciam em meio ao caos político e social. A geração de 68 trouxe a marca dos movimentos contraculturais no Brasil.

Há divergência ao surgimento do movimento punk no Brasil, se foi a cena paulista ou a cena brasiliense. Ariel, integrante da banda Restos do Nada, tida por muitos como a primeira banda punk do Brasil, reivindica o título para os paulistas. Para ele, filhos de diplomata bancando revoltadinho, é algo estético, e apenas estética não compreende identidade punk. Em Brasília, a cena era composta por uma classe média privilegiada que tinha acesso aos discos vindos diretamente da Inglaterra. A banda “Aborto Elétrico”, primeira banda de Renato Russo, foi uma das precursoras da cena na cidade de Brasília, que não era um lugar com entretenimento para jovens, que se resumia era a criação de bandas de rock de garagem.

Em São Paulo, o movimento era suburbano. O movimento para eles era um espaço de protesto e de exteriorizar a insatisfação, queriam romper com uma estética visual, musical e social. Brandiam anarquia como uma forma de incomodar, mas a política não era um foco aberto, não queriam fazer política

ou mudar o mundo. Em sua formação de início de 1974, eles apenas queriam se divertir. Diferentemente de Brasília, onde as informações eram mais rápidas devido às influências no exterior e da própria vivência de integrantes na Inglaterra. Em São Paulo a notícia era algo difícil que chegava deturpada, pois os meios de divulgação da cena no Brasil o faziam de uma forma estética ou apenas caricata. Os jovens de São Paulo, diferente dos brasilienses não tinham acesso direto ao exterior, somado à falta de acesso à internet, que ainda não tinha assistido seu auge democrático.

A Vila Carolina tornou-se a primeira região punk ligada à musicalidade. Muitos dos integrantes das bandas estudaram no E.E.T.A.L, Escola Estadual Tarcísio Álvares Lobo. As Primeiras bandas que surgiram em 1978 foram *Restos do Nada*, *Condutores de cadáveres*, *AI-5* e *Cólera*. Muitas bandas se desfaziam e alguns interessados em manter-se fazendo música formavam novas bandas.

Eles já ouviam o proto punk *Stooges*, *MC-5*, *New York Dolls* e também sentiam o ostracismo do rock. Em tempo que se ouvia discoteca, os punks apenas queriam pisar no ícone deste novo ritmo, Jhon Travolta. Na loja *punk rock* discos tinha um tapete com o rosto do ator, pisavam-no como uma forma de se reafirmar, negando o outro. Outra forma de reafirmação são as famosas palavras de Clemente Tadeu Nascimento, vocalista da banda *Inocentes*, formada em 1981, em seu manifesto de 1982 “Nós estamos aqui para revolucionar a MPB. Pra pintar de preto a asa branca, atrasar o trem das onze, pisar nas flores de Vandrê e fazer da Amélia uma mulher qualquer.” Naquela época para conseguir um vinil era um investimento que custava caro, alcançando valores próximos ao pagamento do mês. Muitos dos jovens trabalhavam como office boys, ganhando pouco e compunham a renda familiar, mas, mesmo assim compravam os discos e deles tornavam-se dezenas de fitas. O lado colaborativo ajudava a manter a circulação de informação. As fitas eram o que tocavam nas saídas noturnas, era o que as pessoas queriam ouvir. Em 77/78 não havia lugares específicos aos quais poderiam se tocar a música punk, ou espaços exclusivos para eles. Entretanto,

algumas casas noturnas disponibilizavam um pequeno tempo para tocar as suas fitas. E era assim que eles se divertiam.

Em 79, Kid Vinil, que era radialista e teve uma banda chamada Verminose, tocava em sua rádio sons punks e *new wave*. Assim passava-se a se difundir as músicas. Os jovens punks gravavam em fitas as músicas que passavam na rádio e no mesmo dia à noite já tocavam o som em algum espaço de encontro. Em 1979, Fabio Sampaio abre a loja Punk Rock Discos na galeria, eram grandes galerias localizadas na rua 24 de Maio no centro velho de São Paulo que depois ficaria conhecida como Galeria do Rock. Este foi o local que fez surgirem as primeiras bandas como *Inocentes*, *Lixomania*, *Fogo Cruzado*, *Ratos de Porão*, *M-19*, *Juízo Final*, *Mack*, *Psychoky* e *Olho Seco*, do próprio Fabio, e era local de encontro, formação e também informação. A loja era especializada em discos raros, importados e fora do catálogo. Em 1982, eles começam a vender os primeiros fanzines, produções independentes das próprias bandas ou de qualquer um que quisesse criar. Continham letras de música, indicação de livros, resenhas, poesias, tudo que fazia a cena ser o que era. Assim como a formação das bandas, não era necessário ser um gênio ou especialista para criar nada. O “faça você mesmo” possibilitou a propagação de informações e a ideia de que você pode fazer o que quiser; uma banda mesmo não sabendo tocar muito, uma revista, um livro, apenas deve ter a iniciativa de tentar e querer.

Em 1982, o primeiro disco “Garotos do Subúrbio” foi realizado com o selo da Punk Rock Discos, com as bandas Cólera, Inocentes e Olho Seco. Eles não tinham instrumentos de qualidade para a elaboração da gravação ou experiência com estúdio, mas mesmo assim a gravação foi feita dentro de oito horas. Outro compacto foi feito pelo grupo Lixomania, o “Violência e Sobrevivência”.

Inicialmente o movimento paulistano era formado por gangues de jovens com uma idade que variava entre 13- 25 anos, a maioria queria saber de diversão e muitos outros entravam interessados apenas pela violência. Outro integrante da cena no mesmo período, eram jovens integrantes do ABC paulista, área formada por três cidades industriais da região metropolitana de

São Paulo, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Santo André. O movimento nesta região era mais político, por fazer parte de uma região industrial, ter um operariado forte e lutas sindicais. Aldemir Leonardo Teixeira, em sua dissertação, nos traz duas linhas que o punk segue no Brasil, como o de um movimento mais voltado para a diversão, e um mais politizado que realmente queria ver mudanças sociais.

Alguns punks carregavam consigo o vínculo “destrutivo” inicial estavam presos a “certas emoções” que as ações ganguistas proporcionavam, defendiam a postura de que, “com a politização do pessoal o Punk perderia sua graça”, queriam vivenciar um “certo saudosismo arruaceiro”. Por outro lado os mais intelectualizados criticavam tal postura, persistiam em reverter esse quadro para uma posição de seriedade, política e ativista, partindo da convicção de que a conscientização era de extrema importância dentro do próprio movimento, pois possibilitaria direcionar melhor sua crítica acerca da sociedade, propagar as idéias, reivindicações e a finalidade do movimento (TEIXEIRA, 2007, p. 64)

Os atritos formavam-se por motivos banais: Quem era o mais forte, ou “quem é mais punk”. O ABC se achava mais punk que os paulistas porque eram menos privilegiados, porque eram operários. Esse era um dos motivos das desavenças que compuseram e atrapalharam a cena, impedindo que ela se expandisse ainda mais. Eles não podiam tocar em SP, nem o outro grupo poderia tocar no ABC. Teixeira nos traz um levantamento de algumas gangues das duas regiões.

Num simples levantamento geográfico, essas gangues distribuíam-se da seguinte forma, na região do ABC: Rebeldes (São Caetano e SBC), Destroy (SBC), Anjos e Abutres (SBC e Mauá), Infratores (Santo André), Invasores (Santo André e Mauá), Demolidores (SBC - consecutivos bairros: Vila Rosa, Jardim Santo Inácio, Jardim Independência,) Maphia (Diadema - Piraporinha), Carniças (Santo André e Mauá), Carecas do Subúrbio (Zona leste e ABC) que após um racha dividiu-se em Carecas do ABC e Carecas da Zona Leste, Coveiros (Santo André), Metralhas do Calux (SBC, Bairro Jd. Calux), Morcegos (SBC-Ferrazópolis), Punkids (São Miguel - Zona Leste), entre outras.

Em São Paulo subdividiam-se em: Terror (Pirituba), Metralhas (São Paulo - Zona Norte e Centro), Punks da City (SP - Centro), Carolina da Morte (Santana - Vila

Carolina, Zona Norte), TNT (Tremembé), Ratos do Esgoto (São Paulo - Centro), Punks da Morte (Centro), Funeral (Santo Amaro). No final de 1987, adentrando os anos 90, Anarco Punk (várias regiões), algumas facções nazistas ou nacionalistas como: SP-OI (Skinheads - Centro), White Power (Skinheads - Nazi Skins, Centro), Carecas do Brasil (várias regiões) SHARP (várias regiões), Devastação (ABC - envolvia punks e headbangers), SPPunk (Centro) e Street Punk (várias regiões). (TEIXEIRA, 2007, p. 67).

Algumas das informações que eram reproduzidas pela mídia desagradavam os integrantes dos movimentos. No documentário “Botinada”, Clemente fala de uma série de reportagens feita pelo jornal Estado de São Paulo, intitulada geração abandonada. Em uma de suas edições falaram sobre os punks de São Paulo, que trouxe grande indignação aos jovens engajados na cena.

(...) Grande parte dos jovens entre 15 e 24 anos são conformistas, desinformados quase apáticos. Grande parte também forma no outro lado, no exército dos “rebeldes”. Uma rebeldia desorientada, sem objetivos definidos, a rebeldia, parece, de quem está perdido e não sabe o que fazer da própria vida. Seria rebelde um jovem que se droga habitualmente, que se embriaga, corroendo-se fisicamente, destruindo-se em plena juventude, sem qualquer agressão real à sociedade? Como uma espécie de mudo, silencioso suicídio? Seriam essencialmente rebeldes os grupos punks como a gang dos Ratos que desce a Zona Leste para o centro da cidade, onde se dedica a coisas tão específicas como, por exemplo. Roubar bolsas de velhinhas, como um trombadinha qualquer, mas encontrando especial prazer nisso, além do furto puro e simples? Seriam rebeldes os Moicanos¹⁵⁷ de aparência amedrontadora, cabelos ouriçados apenas no alto da cabeça raspada atrás e dos lados, e toda aquela fúria quando se põem a roubar e espancar os artesãos, estes que os homens de paletó e gravata ainda insistem em chamar de hippies (...)

(EMEDIATO, folha de São Paulo)

O vocalista da banda Inocentes em resposta escreve uma carta ao jornal para que haja um esclarecimento e para que as pessoas entendam o que realmente eles estavam fazendo.

“Geração Abandonada”

Sr: Os meios de comunicação que até hoje divulgam o movimento punk rock no Brasil, em vez de se

encontrarem com bandas e procurarem saber qual a proposta ideológica do movimento, se preocupa apenas em fantasiar e sensacionalizar pequenos atos de vandalismo que feitos por uma pequena minoria acabam por comprometer todo movimento punk no Brasil. O Punk é um movimento sócio-cultural, ele é a revolta de jovens da classe menos privilegiada, transportada por meio da música. Estes jovens já organizaram vários shows pela periferia de São Paulo, com bandas como Inocentes, Desequilíbrio, Fogo Cruzado, Lixomania, Juízo Final, Guerrilha Urbana, Suburbanos, Olho Seco, Cólera, Setembro Negro, Mack, Estado de Coma e muitas outras. Três destas bandas estão gravadas em um mesmo disco, chamado Grito Suburbano. As bandas são Olhos Secos, Inocentes e Cólera. Portanto, os punks não são “gangs” de blusões de couro que vivem a assaltar velhinha em estação de metrô, e sim um movimento social que realmente não sabe diferença entre Deus e o Diabo, porque nunca foram a Igreja, mas que sabem muito bem a diferença entre Marx, Kennedy e Hitler, e que acham que quem tem o costume de beber leite com limão, realmente tem um gosto muito requintado pra poder dispensar uma cerveja gelada. E aproveito o momento propício pra lhes dizer que não estamos atrasados e que surgimos quase ao mesmo tempo em que surgiu o movimento punk na Inglaterra e que este ainda não morreu e 74 sim cresceu tanto e que mantemos correspondência, não só com Punks da Inglaterra, como também com punks de muitos lugares da Europa, como Finlândia, Itália, Suécia, Alemanha, Espanha, Portugal e até com os Estados Unidos, e o que morre, realmente foi a tentativa de transformar o Punk em mais uma moda passageira. E como todo bom amigo, deixo um conselho: antes de falar sobre alguma coisa, seria melhor se aprofundar mais, conhecer mais sobre o assunto, para que este país não continue atrasado como sempre.

Punk's de S. P. – Clemente Tadeu Nascimento, do grupo Inocentes. N. da R. – O missivista punk refere-se a uma das reportagens da série “Geração Abandonada”, que está sendo publicada desde domingo pelo O Estado. Junto com a carta ele enviou um convite pra um espetáculo de vários grupos punks com a seguinte observação, dirigida aos jovens convidados: “Não destrua os ônibus, ele serão úteis nos próximos encontros” (sic).

E o apelo: “Paz entre os Punks” (RIBEIRO 2012, p. 61 apud.

Carta disponível em: Carta disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19820507-32869nac-0002-999-2not/busca/movimento+Punk>. Acesso em 27 de mai. 2012.

Após estes incidentes, várias pessoas começaram a procurar integrantes do movimento para fazer reportagens, documentários e o surgiu o livro que se tornou “bíblia punk”, elaborado pelo teatrólogo Antônio Bivar que incentivou e ajudou a cena. Ele idealizou o festival Começo do Fim do Mundo, o maior festival punk que já existiu, gratuito, no SESC Pompéia, com dois dias de apresentações, fanzines e várias bandas se apresentando tanto do ABC como de São Paulo. Para tanto, foi necessário um show anterior que diminuísse a tensão entre as gangues das duas regiões e possibilitasse que o evento acontecesse.

O show que diminuiria as tensões entre as regiões ocorreu na sede da PUC, onde eles se apresentariam para estudantes do DCE que se identificaram com o som por terem um engajamento político e uma série de lutas contra a ditadura. O show termina em incêndio, e uma certeza nas capas de jornais de que os punks seriam os culpados. No entanto, o incêndio havia sido programado pelos militares para a queima de arquivos de uma invasão à PUC em 79.

O Começo do Fim do Mundo aconteceu em 27 e 28 de novembro de 1982 no Sesc Pompéia em São Paulo. Com apresentação de mais de vinte bandas, o evento inicialmente teria a duração de 3 dias, se limitando a 2. Nenhuma das bandas recebeu algum tipo de cachê para tocar, se dispuseram a apresentarem-se gratuitamente em prol do movimento. Foram publicadas matérias internacionais como: *Washington Post*, *Maximum Rock Roll* (EUA) e em outros jornais do Japão, Inglaterra, Alemanha, Espanha, Finlândia, etc. Além das músicas, houve mostra fotográfica, lançamento do livro “O que é Punk”, por Antônio Bivar, filmes e fanzines⁶. Através do festival resultou em coletâneas independentes e um LP com uma faixa de cada banda apresentada.

Porém, a trégua dada para o festival era muito tênue e os 4000 punks presentes de ambas regiões, com suas gangues formadas, levou ao fim do

⁶ É um neologismo formado pela contração das palavras inglesas fanáticas inglesas *Fanatic* e *Magazine*, criado em 1941, por Russ Chauvanet, em português o sentido seria algo como: revista de fãs, que são publicações amadoras, produzidas por fãs e destinadas aos fãs de algum tipo de expressão artística.

evento com tropas de choque à espera para levar jovens presos, brigas simultâneas aconteceram e os vizinhos assustados chamaram a polícia. Após o festival, o movimento ficou conhecido nacionalmente. O festival foi transmitido para todo o Brasil via Embratel. Após dois meses do evento, em janeiro de 1983, o Fantástico entrevistou alguns punks em seus pontos de encontro, se comprometendo a apresentarem o movimento como sério, de forma honesta. O movimento foi apresentado de maneira taxativa. O que se viu foi uma imagem caricata e que foi incorporada pela sociedade, de jovens sujos, que usam de violência gratuita para toda a sociedade.

1.4 O punk no sertão

A região de Goiás, sobretudo sua região Norte, hoje estado do Tocantins foi e é caracterizada como sertaneja. A categoria sertão, utilizada para entender o Brasil até pouco tempo, é categoria de investigação de diversas áreas do conhecimento como Geografia, História, Sociologia, foi representada com conotação pejorativa, terra distante e inculta. Janaína Amado (1995) nos mostra a construção destas categorias em Região, sertão, nação, no qual os portugueses já empregavam essa palavra desde o século XIV para se referir às áreas situadas em Portugal, porém distantes de Lisboa. A partir do século XV, a categoria sertão também foi utilizada para nomear espaços vastos, interiores, situados dentro de possessões recém conquistadas.

As diferenciações regionais passam a se concretizar a partir do período da colonização portuguesa. As “áreas de civilização” estavam presentes na região costeira, Pernambuco, Bahia, até a então capital imperial no Rio de Janeiro. Os portugueses se arrastavam como caranguejos pela costa, e tudo que estava distante do seu ponto de apoio era o sertão, o distante, o desconhecido, e, por ser inóspito, lhes propiciava exploração.

Para Amado (1995), o sertão torna-se uma categoria linguística incorporada ao cotidiano para expressar o desconhecido, inabitado. Há uma dicotomia entre o litoral como sendo o local de cultura e civilização e o sertão não civilizado desprovido de cultura. A imagem construída em relação aos sertanejos e índios foi construída pelo olhar do outro, o estrangeiro, que até

hoje perdura como uma forma de se legitimar, inferiorizando o outro. O sertão e a margem são antônimos que se completam para se autoafirmar e se diferir do outro, se reafirmar.

Para Jesus e Padovan (2013) na década de 20 a região Centro Sul sai em busca de conhecer o inexplorado, o diferente, e se apropria da imagem dos nortistas como algo pitoresco de hábitos “bizarros”. Se cria a aura de atraso cultural, esse imaginário perpetuado em obras, reportagens e no teatro, como é o caso de Brasil Pitoresco, de Cornélio Pires. O Norte é o alvo do humor.

Dentro desta região norte do país, tida como inculta que daremos luz aos movimentos punk e *hardcore*, que coexistem no sertão com suas particularidades, analisadas no decorrer do trabalho. O *hardcore* é considerado uma segunda geração do punk, por isso faz-se necessário entender como ele se forma para entender também o *hardcore*, se opunha à anterior por eles terem trilhado caminhos vinculados à mídia, gravando com grandes gravadoras e deixando de lado a filosofia inicial, o *do it yourself*, faça você mesmo. O *hardcore* mantém aspectos relacionados à elaboração das músicas como canções curtas, performances agressivas, porém reincorporando novos elementos como o uso de notas mais pesadas, e suas letras contêm abertas críticas políticas e sociais, geralmente mantendo a filosofia *do it yourself*.

O *hardcore* e o punk surgiram no Brasil ligados a uma cultura jovem e ambas passaram por transformações significativas. O *hardcore* criou subgêneros como o *metalcore*, *moshcore*, *crossover*, *old-school*, *punk-hardcore*, *grindcore*, dentre outros. Para entender melhor a fluidez do estilo abaixo temos um fragmento da entrevista realizada com a banda *I Shot Cyrus*:

Acho que o *hardcore* é uma família de vários estilos musicais. No começo, o *hardcore* era um punk rápido, hoje em dia vários estilos fazem parte desse modo de fazer as coisas. Tem umas bandas que tocam metal, mas têm um espírito *hardcore*, tem umas bandas que fazem punk rock, mas também fazem isso de uma maneira *hardcore*. E também tem o *hardcore* tradicional. Agressividade, não conformidade e velocidade extrema é *hardcore*, apesar de eu achar que tem banda que é lenta e é *hardcore* também, não precisa ter velocidade extrema. Música para ser feliz não é nem fodendo, muito pelo contrário, é música pra você ficar com raiva do mundo, mas ao mesmo tempo ver tudo que tem de ruim e ter uma perspectiva positiva em relação a isso, de

mudança. Mas não é música pra você esquecer a realidade e ficar relaxado. Nem fodendo, é o contrário disso. A melhor forma para se expressar? Não é a melhor forma, é apenas uma forma. Amor não é nem fodendo, sei lá, tem amor pelo hardcore. Mas é mais ódio do que amor, e ódio pode ser positivo também. E amor pode ser uma bosta. (OLIVEIRA, 2011, p. 138)

Para que se fale de uma cena *punk* e *hardcore* no que compreende o Tocantins, é necessário extrapolar as fronteiras do estado, compreendendo os estados vizinhos como o Maranhão e Pará, pois a comunidade *underground* da região Norte e Nordeste tem uma carência de apoio institucional e social.

Para que ocorra divulgação, eventos e gravação de cds faz-se necessário a junção, não apenas de outros estados, mas também de outros estilos. Se em grandes capitais vemos punks anárquicos separados de punks *straigh edge*⁷ e de metaleiros, ou qualquer outro estilo que se diverge, aqui, para que aconteça eventos é preciso união, e o legado *do it yourself*, faça você mesmo. Geralmente, as próprias bandas organizam eventos e mantêm a cena viva. Sem fins lucrativos, os eventos se financiam, os lucros gerados servem para financiar as próximas apresentações.

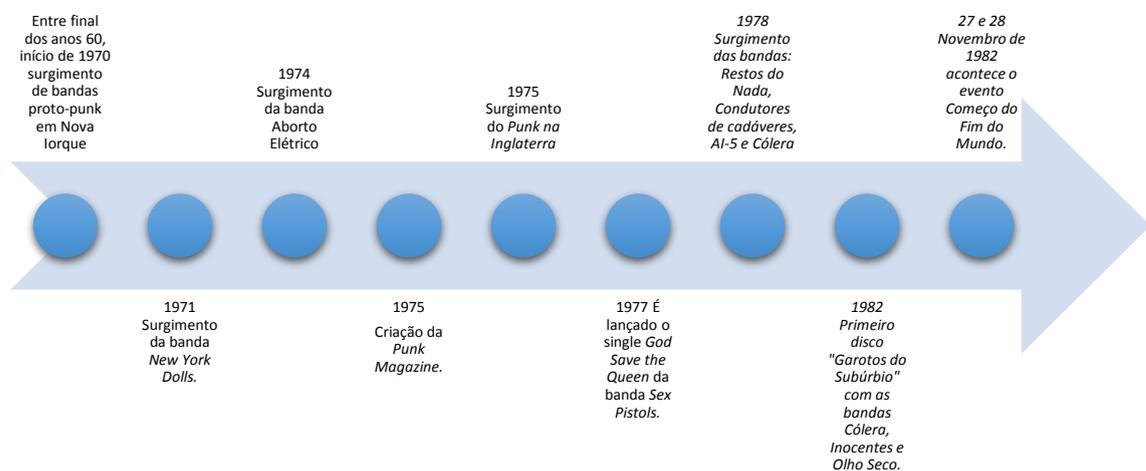
Grande parte dos jovens que frequentam estes eventos em Araguaína tem um ponto em comum, terem em algum momento de suas vidas, como ponto de encontro, a praça São Luís Orione. É uma forma de criar sua própria identidade e se firmar, criando uma cadeia de sentimento de pertencimento. As tribos urbanas diferem-se da lógica iluminista, ao organizarem-se em torno de um eixo ligado à ação, aos afetos ao espaço e ao prazer desfrutado em conjunto. “ (Amorim, 2007, p. 8) Para essas sociedades neo-tribais as identidades não são fixas, os sujeitos podem se transformar continuamente. Nas apresentações, muitas vezes há uma relação artista/espectador de interação, sem uma hierarquia demarcada. É comum o vocalista entrar na roda e participar do *mosh*.⁸

⁷ Do inglês “caminho reto”, em uma tradução livre, é uma subcultura e subgênero do hardcore punk que surgiu nos anos 80. Ele defende a total abstinência em relação a drogas lícitas e ilícitas.

⁸ Também conhecido como roda-punk ou ciranda-punk no Brasil, consiste numa forma de dança associada a gêneros musicais mais “agressivos” como punk e heavy metal.

Para O' Hara (2005), um dos principais movimentos que se vinculam ao *punk* e *hardcore*, diferente do que vários autores citam como o dadaísmo, é o movimento futurista, lançado em 1909 por Filippo Marinetti com “fundação e manifesto do futurismo”, publicado no jornal parisiense de grande circulação *Le Figaro*. Foi um movimento vanguardista que rejeitava as formas de arte tradicionais e ao envolvimento com a platéia. No início, a política de provocação punk nos shows era a de vomitar no palco, cuspir na platéia, automutilação, e o papel da platéia era o de jogar cadeiras, cacos de vidros. Mas muita coisa mudou a partir daí, o público cresceu e a interação diminuiu dando lugar apenas para o entretenimento. Principalmente dentro do *hardcore* que deixa de lado a imagem estética do punk, mas mantendo a agressividade.

No capítulo que se segue, será apresentada a pesquisa feita através de questionário semi aberto com integrantes da cena na região Norte do Tocantins e cidades próximas que fazem conexão com o movimento local, analisando a identidade destes jovens e como se configura sua tribo.



CAPÍTULO II - A cena punk no sertão - heterogeneidade performática em Araguaína.

Se punk é lixo, a miséria e a violência, então não precisamos importá-lo da Europa, pois já somos a vanguarda do punk em todo o mundo.

-Chico Buarque

Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, busca entender quem são os sujeitos e como se formam suas relações dentro de um movimento punk/HC na região Norte do Tocantins e algumas cidades que fazem ligação com o movimento para sua manutenção.

Bauer e Gaskell (2002), referem-se à pesquisa qualitativa como a que os dados coletados são construídos através dos processos de comunicação, apoiando-se, portanto em dados sociais que são o resultado.

Para Gil (2008), a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema, envolvendo levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

No que se refere a este trabalho, o estudo de caso não foi a proposta e sim a pesquisa exploratória, no que diz respeito a ir às fontes além das bibliográficas, buscando trabalhar com as falas dos sujeitos que se dispuseram a responder o questionário.

A escolha destes sujeitos foi feita através de perfis do facebook de bandas regionais, assim como indicação de alguns dos membros do movimento. O único critério a ser procurado pelo pesquisador foi se eles se identificavam com o movimento *punk/HC*. Sendo afirmativa, a resposta, os questionários foram enviados via e-mail ou chat do próprio facebook. Outros foram abordados no parque Cimba de Araguaína, por serem reconhecidamente integrantes da cena, puderam responder presencialmente.

A quantidade de indivíduos que iria fazer parte da amostragem seria inicialmente de 30. Entretanto, houve grande dificuldade quanto ao retorno de questionários respondidos. Muitos se dispuseram a ajudar, mas não reenviaram respostas. Portanto a pesquisa foi com apenas 14 sujeitos.

Nos questionários, procurou-se entender um pouco sobre suas vidas e como se veem e veem o outro, através de perguntas abertas; o que nos trouxe diversas respostas com conteúdos que continham relatos de vida e exposição de vários problemas de seus cotidianos. Para podermos explorar mais destas fontes iremos citar no decorrer desta análise algumas de suas respostas. Os gráficos referentes à esta pesquisa se encontrarão no apêndice. Os mesmos servirão apenas como um guia para a construção do trabalho e podem ser utilizados pelo leitor para exemplificar de um modo mais conciso as nossas respostas.

2.1 Heterogeneidade na construção de uma cena *underground* entre fronteiras do Norte do Tocantins

Nos questionários respondidos por integrantes do movimento *punk/HC* constatamos uma variante nas idades que se apresentavam entre 15-17 anos a 26-35, existindo variações quanto ao nível de escolaridade dentre ensino fundamental a ensino superior. As variações continuaram uma constante quanto ao nível de ocupação, sendo presentes diversas áreas de empregabilidade assim como desempregados também se fizeram presentes. Dentre as profissões apresentadas temos estudante, servidor público, *body piercer*⁹, farmacêutico, dentre outras.

Este é o perfil de alguns integrantes que se encontram entre Imperatriz, Palmas e Riachão e em sua maioria Araguaína. A indispensabilidade de ouvir jovens além de Araguaína, se encontra na necessidade que esses grupos têm de se fazer ouvir se agrupando com outras cidades. É uma rede que está interligada para sua manutenção.

Conforme vimos acima, os integrantes são parte de um todo heterogêneo, têm trabalhadores, desempregados, estudantes, casados e solteiros quebrando com uma ideia preconceituosa que alguns creem ser apenas baderneiros sem ocupação. Segue uma fala que aponta essa falta de crença na sua capacidade devido ao estilo:

⁹ Profissional que aplica piercings, jóias de modificação corporal.

“Aqui em Araguaína ainda tem muito preconceito nesse lance da pessoa ser roqueira, e quando você diz que é punk/hc feminista pra eles é o fim. Tanto que quando me perguntam se faço faculdade, e digo que faço faculdade, e digo que faço administração. Eles dizem: Mais com esse estilo?” (B.)

A falta de crença na capacidade destes jovens leva a outra queixa frequente em suas respostas. Quando interrogados se eles se sentem impedidos de fazer algo devido a sua participação na cena punk/HC, metade diz que sim, e apontando a dificuldade em arrumar emprego como citado abaixo.

“A questão da empregabilidade é extremamente delicada para adeptos do movimento. Os punks tem singularidades como a modificação corporal (piercings, tatoos, roupas, cabelos e etc.) que são “empecilhos” na hora de conseguir emprego. Eu sendo adepta tenho preocupações em relação a isso, mesmo estando na universidade e sabendo que sairei com o diploma ainda tenho receio e medo do mercado de trabalho que além de machista é preconceituoso.” (V.)

“A ideologia vai além da estética, mas a estética também exprime um pouco de liberdade então nos vestimos como queremos, cabelos longos ou moicanos, hoje em dia a estética é primordial para conseguir um emprego, que é fundamental para sobreviver no sistema capitalista.” (P.)

A aparência, fator de identificação, contribui para a permanência no grupo mas exclui fora dele, uma benção ambígua dos pós modernidade. Outro fator decisivo é o grande número de pessoas na cidade que são religiosas, tratando os que diferem de sua lógica sacra como “endemoniados”, assim como nos afirmou um dos participantes. São dois grupos distintos que se diferem e se excluem, gerando um ciclo de insatisfação por todos os lados.

A pobreza está tentando destruir você
A sociedade está tentando adequar você
A igreja está tentando converter você
O estado está tentando controlar você
Reaja!!! (INKOMA – Reaja!)

Houve um consenso quanto à idade em que os indivíduos se identificaram com o movimento punk/HC. Todos falaram sobre ter se encontrado neste em sua adolescência. Para entender esta identificação e

necessidade de formação de grupos será usado também uma fonte da psicologia.

Bock, Furtado e Teixeira (1999) mostram, a partir da psicologia, como a sociedade percebe o jovem, como ela lida com eles. Os adultos de instituições importantes na formação de identidades, como família e a escola buscam formas de imposições, de como o jovem deve ser, moldes aos quais deve seguir, pois no adolescente é prometido o futuro da nação. Sob ele está o encargo de um futuro melhor. O autor ressalta a utopia jovem, que é tão presente na formação de sua identidade, que fomenta a transformação social.

Para Bauman (2004) a manutenção dos ideais transgressivos, os jovens se organizam em diversos grupos baseados em suas particularidades e interesses. O ator social, como indivíduo, se manifesta socialmente e, por meio disso, tem seus ideais modificadas, posto que se adapta à fluidez em que opera. Oscilam entre o sonho e o pesadelo e não há como determinar quando um se transforma no outro. Ao mesmo tempo em que há uma ânsia por relacionar-se, há o medo de se ligar à esta teia de eternidade.

Na citação do início deste tópico há um trecho da banda INKOMA, uma banda de punk/HC, que complementa a ideia de Bock e Furtado (2009) quanto à angústia do jovem em se ver como uma fonte a ser moldada pelas instituições, buscando tentar se desvencilhar desta teia social de domesticação. Com o chamamento: Reaja! Esta “benção ambígua” em “relacionar-se” será aprofundada mais à frente, quando formos analisar os empecilhos causados por se fazer parte do movimento em questão.

Um dos entrevistados afirma que quando tinha 12 anos começou a seguir o movimento pela liberdade de expressão do ideal de “faça você mesmo”. Outro diz que, quando era uma pessoa como qualquer outra, era obrigado a fazer coisas que não gostava, mas depois de conhecer o movimento punk ele se libertou.

Estes relatos reafirmam o caráter libertário, no sentido emocional, da formação de tribos urbanas. Tanto quanto o caráter ideológico do Punk/HC de trazer, através de letras de protestos, a voz para grupos minoritários, que ao ouvir sentem-se representados, tendo a sensação de saciedade e liberdade.

Liberdade está tanto no senso estético, rompendo com os ideais de consumo vigentes quanto no caráter político ideológico, ainda que o mesmo não seja de caráter tipicamente acadêmico e passe rasteiramente pelos conceitos teórico sociológicos.

A maioria dos entrevistados afirma já ter sofrido algum tipo de preconceito por fazerem parte do movimento punk/HC. Dentre as maiores queixas está o preconceito pela maneira de se vestir, seguido pelo preconceito familiar. Todos citaram formas de preconceito variantes das formas como os indivíduos se trajam.

Um dos participantes afirma que sim, sofre preconceito “ainda mais para arrumar emprego, em casa também, na rua, povo olha torto, crítica. Quando entro nas lojas geral já fica olhando, alguns atende péssimo (por causa do meu estilo) ...”, outro diz: “Muitas vezes na rua, percebia que comentavam, o cabelo grande, *spikes*¹⁰, roupas, uma vez já me chamaram de “roqueirinho mulambento”. ”Outra fala a ser pontuada é a deste jovem: “... A questão do preconceito posso citar vários baculejos que já levei quando andava nas ruas com a galera. No entanto o olhar torto da sociedade, nós até gostava, afinal chocar a sociedade e um objetivo punk, a aparência e uma forma de protesto.” (W.A)

O motivo para este olhar de repulsa da sociedade para com os jovens punk/hc e demais grupos alternativos, que buscam quebrar com as regras de consumo estabelecidas, está em Bauman (2008, p. 71): A “sociedade de consumidores”, em outras palavras representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas.

Quando as mídias tentam encaixar os grupos alternativos dentro dos ideais de consumo, busca-se uma diluição do mesmo para que se possa ser palpável, Rodrigues (2012) mostra como a moda punk influenciou as passarelas, trouxe a liberdade, porém, você deve se vestir da forma que quiser dentro das adequações que os editoriais propõem.

¹⁰ Nome dado para adereços pontudos (tachas) usados para enfeitar roupas e acessórios. Também referente ao penteado que mantém o cabelo espetado ou em forma de moicano.

“Toby Fischer-Mirkin, em seu livro O código de vestir, ao referir-se ao estilo punk como uma das opções de roupa para a mulher dos dias atuais, indica que “é possível usar alguns itens específicos da vestimenta punk para obter um efeito dramático ou para modificar o visual de acordo com suas próprias especificações. ” E ainda aconselha: “Isso seria adequado para uma festa louca ou evento social ultracasual” (RODRIGUES, 2012, p. 131)

Portanto você pode ser diferente, contanto que o seu diferente esteja dentro dos padrões impostos pela sociedade. Ao passo que consiga diluir a sua identidade tornando-a palpável, menos agressiva; você conseguirá espaço e será aceito mais facilmente. A nova moda das firmas, como a AVON¹¹ que ditam valores e práticas, é pegar subculturas e, com suas palavras, torná-las suaves. Um exemplo disto que se tornou piada nas redes sociais, é o tutorial de maquiagem “gótica suave”. Há um fascínio pelo diferente dentro da moda, contanto que ele mantenha a feminilidade, auxiliando, assim, a apropriação de subculturas para o mercado consumidor de forma que as esvaziem de sentido ideológico.

Uma das características da nossa sociedade é que a pessoa representa papéis, tanto na sua atividade profissional, quanto dentro das demais tribos as quais ele está inserida. O mundo é um grande teatro no qual o indivíduo se despe e veste-se de acordo com suas preferências (sexuais, culturais, religiosas).

A estética vai além da aparência de se sentir bem. Ela é o ideal transgressor que cimenta e alicerça o estar junto, reconhecer-se. A teatralidade instaura e reafirma a comunidade. Quando se tem aspectos estéticos ligados à determinada tribo, você é, além de ator, espectador. Ator social na performance diária de ser e transparecer pertencente ao grupo e espectador assistindo aos demais tanto fora como dentro do grupo.

Bauman (1987, p. 108) afirma que “nunca será demais insistir: à autenticidade dramática do social corresponde a trágica superficialidade da

¹¹ #EuUsoAssim Gótica Suave com um produto! AVON.Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bDUiVGXViXs> acesso em 22 de Janeiro de 2017.

sociedade. Já demonstrei, a propósito da vida cotidiana, como a profundidade pode ocultarse na superfície das coisas. Daí a importância da aparência.

Por outro lado, causar a repulsa do outro é o prêmio do movimento; a repulsa da sociedade é uma de suas formas de protesto desde os pioneiros de 1976, como já citado no capítulo anterior.

Quanto ao sexo dos entrevistados, vemos que há um número muito pequeno de mulheres ou outros em participação. Mesmo que a cena tenha um discurso que luta contra as injustiças da sociedade, as mulheres parecem estar à parte do mesmo.

Para Marques (2013) em seu artigo: “As artes de resistir: mulheres na cena anarcopunk”, os punks combatem as suas injustiças, mas que as mulheres que entram na cena travam uma luta muito mais dura. A crítica delas vai também para dentro da cena.

O *Rock and Roll* é visto como um ritmo masculino. (MARQUES apud. SOUZA, 2005, p. 37). Para Marques (2005), no punk/HC as características violentas atribuídas ao rock ficam ainda mais explícitas. Desde a indumentária estética, atitudes, letras de músicas e o próprio ritmo rápido sem arranjos. Não é que elas não se fizeram presentes, mas foram invisibilizadas por não estarem à frente de uma banda famosa ou serem apenas as “minas dos caras”.

O movimento feminista dentro do punk/HC vem sendo a forma que esses grupos viram de se dar a voz. O feminismo abarca também as lutas LGBTTT, dos três indivíduos que se caracterizaram como feminino ou outros dois afirmam claramente serem feministas. Elas aderem a esta luta e sofrem em dobro com os preconceitos, uma das participantes afirma ser “punk feminista (uma posição não muito favorável)”.

Outra participante diz: “Por ter aderido ao movimento punk feminista já sofri preconceito tanto de pessoas de fora do movimento punk quanto de dentro, já que a sociedade patriarcal influencia na “cena”, tendo por maioria homens que absorvem uma ideia errada do feminismo”.

2.2 - O punk no norte do Tocantins

A maioria dos participantes diz que morar no Norte é um empecilho devido à falta de eventos, o movimento ser “fraco”, o preconceito por ser uma cidade do interior e falta de mulheres que aderem ao movimento. Uma afirma que: “As pessoas parecem que são da roça quando não costumam ver algo acha estranho e trata com indiferença”. Outro participante diz que: “Na verdade é a falta dessa cultura [no Norte] que me movia para dentro do movimento” (B.).

Ao afirmar que não há cultura no Norte e que temos ainda uma visão de que o Norte é o inculto, atrasado, de que este é o sertão inabitado, lidamos com a ideia de sertão imaginário. Desde a colonização do país vemos a utilização do termo *sertão* no pensamento social e na historiografia. Nos documentos oficiais esses eram os adjetivos utilizados para se referir às regiões que não eram litoral.

“É interessante notarmos que apesar da descoberta de minas auríferas em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, da explosão demográfica, acumulação de capital financeiro, fundação de núcleos urbanos e implantação da pesada burocracia lusa, essas regiões continuaram a serem chamadas de sertão. ” (JESUS, PADOVAN apud. AMADO, 1995, p. 149).

Amado (1995) fala que “Se, para um habitante de Lisboa, o Brasil todo era um grande sertão, para o habitante do Rio de Janeiro, no século XVI, ele começaria logo além dos limites da cidade” (p. 149). Essas duas categorias, sertão e litoral, são complementares, uma apenas existe em função da outra. Porém, a categoria litoral hoje foi substituída por grandes capitais, que são tidas como o centro da cultura e informação. Mesmo com o estreitamento das relações humanas dentro do período de globalização, o que ainda é fundamental nas relações humanas é o estar junto; uma queixa presente em quase todas as falas. A falta de rituais, que consagram e alicercem a tribo. Maffesoli (1987) “o ritual lembra à comunidade que ela é “um corpo”. ” (p. 25)

Relembrando a fala de um dos participantes que diz que “o olhar torto da sociedade, nós até gostava, a aparência também é uma forma de protesto.” Quando o grupo está envolvido na manutenção de seus ideais, as formas de preconceito são toleráveis. Mesmo que ali estejam, elas se tornam sutis, ou até

mesmo motivos de vitória. Segundo Maffesoli (1987), não importa o período de duração das tribos, esses rituais, de estar junto, são necessários, sendo mais ou menos imperceptíveis, mas é o que permite se sentir à vontade.

Outro integrante do movimento da cidade de Riachão, quando questionado se moraria em outra cidade para usufruir do movimento diz que: “Sim, em Brasília, porque lá o movimento é bem mais forte e ativo, o contrário de onde eu moro. “Sou um punk solitário rs”.

O sentimento de ser solitário mesmo inserido em uma tribo urbana que tem como principal fonte de subsistência as relações humanas e os rituais à ela adquiridos tem “o sentido de que o sentimento de pertença pode ser reafirmado pelo desenvolvimento tecnológico”. (MAFFESOLI, 1987, p. 194) O autor sugere que este pode ser um novo modelo de aldeia global. O fato delas serem solitárias não significa que elas vivam isoladas. No mais o tribalismo no qual tratamos vem a se organizar conforme as ocasiões em que se apresentam.



Figura 3 – Folheto de divulgação

Fonte disponível em: < [https://fbcdn-sphotos-e-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xpa1/v/t1.09/12250115_896502620431876_6650065530akhttps://fbcdn-sphotos-e-a.akamaihd.net/hphotos-akhttps://fbcdn-sphotos-e-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xpa1/v/t1.09/12250115_896502620431876_6650065530xpa1/v/t1.09/12250115_896502620431876_6650065530xpa1/v/t1.09/12250115_896502620431876_6650065530xpa1/v/t1.09/12250115_896502620431876_6650065530832318242_n.jpg?oh=26afa08df990a6697337eb3f2fbfa460&oe=5736C92F&__gda__=1462222487_b078ddea4ee3e190198cac902650036c](https://fbcdn-sphotos-e-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xpa1/v/t1.09/12250115_896502620431876_6650065530akhttps://fbcdn-sphotos-e-a.akamaihd.net/hphotos-akhttps://fbcdn-sphotos-e-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xpa1/v/t1.09/12250115_896502620431876_6650065530xpa1/v/t1.09/12250115_896502620431876_6650065530xpa1/v/t1.09/12250115_896502620431876_6650065530832318242_n.jpg?oh=26afa08df990a6697337eb3f2fbfa460&oe=5736C92F&__gda__=1462222487_b078ddea4ee3e190198cac902650036c) > acesso em: 14 de Novembro de 2016

09/12250115_896502620431876_6650065530832318242_n.jpg?oh=26afa08df990a6697337eb3f2fbfa460&oe=5736C92F&__gda__=1462222487_b078ddea4ee3e190198cac902650036c > acesso em: 14 de Novembro de 2016

Mesmo com a maioria dos participantes tendo afirmado que morar no Norte é um empecilho para usufruir do movimento, apenas uma minoria afirma que gostariam de se mudar para outra cidade por este motivo. Há uma ideia corrente, dita expressamente por um participante, de que, em suas palavras, “quem deve fortalecer a cena somos nós. Independentemente de morar em uma grande metrópole ou não”. Na figura 3 vemos o folheto de divulgação de um evento com bandas regionais que demonstra esta vontade de se fazer ver e não esperar grandes oportunidades virem de fora para propiciar seu entretenimento. Cada banda de uma localidade e com estilos musicais diferentes. Não há espaço para a formação de gangues em nossa região, pois, cada um luta por um mesmo ideal: a permanência da música que gostam.

Quando se afirma que “quem deve fazer o movimento somos nós” isso inclui ass produções de discos, capa, venda e distribuição como se apresenta as figuras 4, 5 e 6:



Figura 4 – Elaboração da capa do EP SUS- Sistema único de sofrimento

Fonte disponível em:

<<https://www.facebook.com/538717666210375/photos/pb.538717>

666210375.-2207520000.1428848592./790271034388369/?type=3&theater>
acesso em 14 de Novembro de 2016

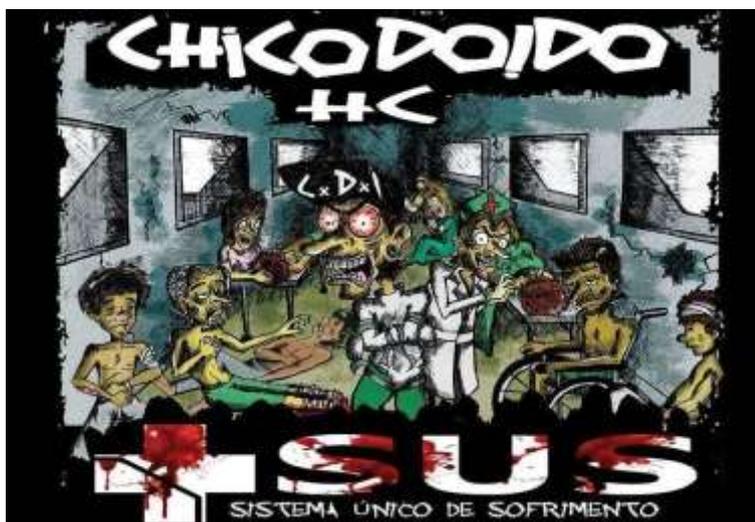


Figura 5 - Resultado final da capa do EP- SUS

Fonte disponível em: <<https://www.facebook.com/538717666210375/photos/a.538720006210141.1073741826.538717666210375/656494767765997/?type=1&theater>> acesso em 14 de Novembro de 2016

ATENÇÃO:



AS BANDAS PRECISAM DO SEU APOIO!

“Tapinhas nas costas” não pagam as despesas das bandas para se manterem na ativa!

Seus integrantes gastam um bocado de dinheiro em estúdio de ensaio/gravação, condução/gasolina para se deslocar com os instrumentos, camisetas, custos com estamperia, capas de CDs, mídias, etc.

O mínimo que eles esperam do público (ou seja, de VOCÊ) é o retorno financeiro para continuar existindo!

**COMPRE MATERIAL DAS BANDAS!
NÃO SEJA UM(A) PARASITA DA CENA LOCAL!**

Figura 6 – Conscientização

Fonte disponível em: <https://fbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net/hphotos-akhttps://fbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net/hphotos-ak-xfa1/v/t1.0-9/11136631_800893149992824_1152597353098355761_n.jpg?oh=bd52561cbac305523146e058e873542b&oe=5722EA9>

preconceitos e a favor das liberdades. É com muito orgulho que ponho em prática aquilo que ouço no mundo punk e defendo o Norte onde nasci e o Nordeste onde cresci.”

“Em Araguaína e região vemos um regionalismo muito forte dentro das letras punks, e eu acho isso muito bom. Torna o movimento mais adaptável. Já ouvi pessoas falando que isso tira a identidade punk. Eu discordo plenamente. É uma forma de existir junto a cultura regional. De conviver. ”

Vemos nessas falas as tentativas de permanência e de afirmação de um grupo frente às ideias pré-estabelecidas como cultura de uma região. Quando você diz que quer transgredir as ordens estabelecidas e desmistificar a ideia de que a região Norte/Nordeste só tem forró e sertanejo, é uma tentativa de se mostrar em quanto indivíduo dentro de uma sociedade que te excluiu dos dados.

O uso do preconceito como forma criativa também dá voz e tenta trazer aos demais a identificação, usando de sentidos comuns ao grupo, trazendo o sentimento de pertencimento.

Bourdieu (1989) em “O Poder simbólico”, trata do uso dos símbolos na formação de uma cultura dominante que se une, em detrimento a uma cultura que se opõe, se distingue da dominante, tornando-se, subcultura. Podemos ter o punk/HC como uma subcultura, divergindo da cultura dominante local, sertaneja. Mas que usa do seu discurso autorizado, através da música para trazer divisão, dar-se visão.

A eficácia do discurso performativo que pretende fazer sobreviver o que ele enuncia ao enunciar é proporcional à sua autoridade, no caso desta subcultura a autoridade é o cantor que, através de suas músicas se faz valer o seu discurso. Para Bourdieu (1989), o poder sobre o grupo que se trata de trazer à existência enquanto grupo é, a um tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhes princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única de sua identidade, e uma visão idêntica da sua unidade. (p. 117) Como já citado pelo participante: “É uma forma de existir junto a cultura regional. Conviver. ” O uso destes lugares e situações comuns, são o grito contra o preconceito e o fazer ver, cunhado pela aura mística do ritual de tribo. Assim

como veremos em dois trechos de bandas regionais: Todos os dias arriscamos nossas vidas

Pelas ruas dessa cidade maldita
 O medo cresce a todo instante
 A morte aparece está
 adiante Sangue nas
 calçadas gritos de dor
 Momento de desespero cenas de
 terror
 O medo te acompanha está difícil de viver
 O próximo alvo pode ser você
 O medo te acompanha está difícil de viver
 O próximo alvo pode ser você

Insegurança - Chico Doido Hc

O nome da banda traz um sentimento de pertencimento aos moradores da cidade de Araguaína, por referir-se a uma figura ícone da cidade que veio a tornar-se vereador pela primeira vez em 2004 e depois reeleito em 2008. No trecho da letra, de uma das bandas de Araguaína, podemos ver uma canção de protesto sobre uma das grandes preocupações dos moradores da cidade no momento: a insegurança. Motivo este que vem fazendo com que a pedido da população alguns reforços policiais tenham vindo para a cidade neste ano de 2016 para tentar sanar o problema da criminalidade. A letra fala diretamente com o interlocutor fazendo um chamamento para que saia do comodismo.

Neste outro trecho de música, temos outra fonte comum aos interlocutores araguainenses, da banda Prozac HC:

Na Rua do Amor! Seu cofrinho de moedas tem muito
 valor
 Preste atenção! E esse preço num é nenhuma
 promoção
 Paga 3 reais! Arranja uma bodega e vá lá pra trás

Venha meu senhor! Tirar o atraso na Rua do Amor

Prozac HC - Rua do Amor

Tratado com humor na canção, o local citado como Rua do Amor é uma área muito conhecida pelos moradores araguainenses. Localizada na Feirinha Municipal, além do comércio legal que ocorre durante o dia, o movimento continua à noite, quando o público muda. Segundo a Polícia Militar (PM), esta área é um dos principais pontos de venda e consumo de drogas da cidade. O tráfico, como porta de entrada, traz seus filhos como furtos, homicídios e prostituição para o convívio da região.

Ao cantar, ao falar, o cantor consagra, santifica. Porém, essas relações só podem ser consagradas se os sujeitos se sentirem pertencentes a essa rede. Quando você canta sobre sua cidade, quando você tem um nome de banda que fala sobre o cotidiano de um povo, cria-se esse pertencimento. O reconhecimento que desperta a identidade regional, mesmo que não seja discutida ou lembrada faz parte no mais íntimo dos seres. Lembrando duplamente o seu pertencimento, tanto cultural quanto regional. Como se dissessem: Sou de vocês, sou seu porta-voz.

Analisando como os participantes veem o outro, veem o movimento e se veem. Como é construída a sua dinâmica de alteridade. A fala de um dos participantes, ao ser questionado sobre como vê os demais componentes do movimento, afirma que deixarão o mesmo para viver “normalmente”, pois terão que aceitar a normalidade. Esta fala remete às afirmações de Bock, Furtado e Teixeira (1999) sobre a transgressão do jovem como fonte de uma utopia, mas o sucesso das instituições em torná-lo o “alicerce da nação”, tendo deveres para com as práticas cotidianas sociais. A ideia de como o entrevistado vê o outro dentro do movimento traz luz à fragmentação das identidades na pósmodernidade.

Para Hall (2005), a identidade só está em questão e em foco por ter sido descentrada, isto é, deslocada, fragmentada. A identidade entrou em crise no fim do século XX, fazendo com que entre em questão e foco de estudos, "abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social" (p. 7).

O sujeito pós-moderno é o fruto de suas ligações com o mundo. A globalização fez com que as informações passassem a ser muito mais rápidas. Os processos se tornam mais provisórios e variáveis, tornando-se problemáticos, e são essas as construções que variam e constroem as identidades que são algumas vezes contraditórias e não resolvidas causando a descentralização do ser. Ela é construída historicamente, não biologicamente, dentro de nós há identidades contraditórias. “Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. (HALL, 2005, p.13)

Além do fator sociológico de que as pessoas que compõem essas tribos podem migrar de uma tribo para outra, mantendo-se ou não com as características. Temos também o fator social, o preconceito molda. Para elucidar trago a fala desta outra entrevistada: “- Hoje em dia mudei um pouco por causa da pressão da sociedade, mas não deixei de ser punk. ”

Devemos apontar a fala de outro participante na formação da comunidade que para Maffesoli (1987) é o que permite estabelecer um laço entre a ética comunitária e a solidariedade. Um dos aspectos importantes da comunidade, é o ritual.

O outro eu vejo sob dois aspectos diferentes: o outro dentro do movimento, e o outro fora do movimento. O dentro do movimento é o colega que abraça o estilo, que, sob todas as dificuldades, consegue participar ativamente do movimento, seja discutindo ideias, seja montando banda, seja curtindo o som dos amigos, seja apenas fazendo as clássicas ‘reuniões na praça’. É um ‘outro’ que na verdade seria um espelho do que você próprio é, derivado de sua identificação com essa pessoa. O outro fora do movimento é o indivíduo que, numa análise bem rasa, vê com dificuldade os porquês de nosso movimento, tem o olhar atravessado e que atravessa a rua quando vê alguém no visual. Mas não o vejo como um estranho, alheio a toda a nossa lógica. O vejo apenas como alguém que ainda não parou para conversar e ver as benesses da transgressão musical. Talvez isso seja uma falha do próprio movimento que muitas vezes não abre as portas para o outro que participar, quer conhecer, quer interagir, bloqueando as possibilidades do outro se inserir no meio. (U)

As clássicas “reuniões de praça”, a participação no movimento e o curtir o som dos amigos são os rituais que têm como única função reafirmar o sentimento que um determinado grupo tem de si mesmo. Porém, ao mesmo tempo que une, ela exclui o outro que não se adapta aos padrões da tribo, causando mais preconceito.

Alguns dos jovens ao serem questionados de como se veem na cena, afirmam serem centrados em suas ideias, ou que, nas suas palavras: “ não sigo vertentes, porque creio eu que isso gera a falsa ideologia, sou apenas um punk, um punk de ideologia própria, apoio o que gosto e acho certo”. Outro fala: “eu me vejo como um cara que ver a visão real do que tá acontecendo na sociedade...eu vejo os outros punks como irmãos do movimento”. Estas são afirmações bem fluídas, na qual o indivíduo não se prende a apenas uma concepção de identidade, dando-se a liberdade de transitar: “ Ouço grunge, rock clássico, alguns metais e outras coisas. Isso para muitos punks não é aceitável. Na minha opinião, você não pode se limitar”.

Como afirma Hall (2005, p.17) “a sociedade não é, como os sociólogos pensaram, muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade. ”Ela está constantemente sendo descentrada. O indivíduo vai transitar sob aquilo que lhe convém, construindo sua identidade através das variantes que lhe são afetivamente aceitáveis.

Outra afirmação corrente é sobre a visão de como veem o movimento ligada a como se veem, é: “Me vejo como mais um punk na resistência”. Ser um punk na resistência vai além de como você se vê, implica em uma luta de um grupo, em existir/ coexistir. Outro afirma que o movimento é algo cíclico e irregular.

Mesmo sendo algo cíclico há uma luta constante conforme as duas citações abaixo:

“Por fazer parte do movimento a 5 anos, e de uma banda antiga e com certo respeito, me vejo como um incentivador, por correr sempre atrás de uma oportunidade e não esperar ela bater na minha porta. (...) vejo o movimento como uma crescente, as vezes está em baixa, mas nunca para. Sempre temos alguém tomando a

frente e incentivando, dando espaços. Isso é ser underground. Isso é ser hardcore.”

“Sou bastante ativo no movimento. Por alguns anos organizei eventos no intuito de fomentar a produção local e mantenho uma banda de Hardcore/crossover há 10 anos, sob todas as intempéries possíveis. Montar uma banda já é algo complicado, e nessa linha e durante esse tempo é mais sacrificante ainda. Assim, minha posição dentro do movimento é de resistência às imposições musicais que as rádios de nosso estado, salvo raras exceções, insistem em disseminar. E aí entra a posição de como eu me vejo: apenas um cara que ama o som e o movimento a qual faz parte. (...) com relação à minha visão sobre o movimento o vejo com bons olhos, mas ainda engatinhando em comparação com movimentos em outros centros espalhados país afora. Tem os seus momentos de êxtase e os seus momentos de crise, mas enquanto tiver uma galera interessada em produzir e fomentar a proposta da cena o movimento punk/HC terá seu espaço aqui no estado. No entanto, apesar da jovialidade o vejo como maduro para respeitar as diferenças dentro do nosso meio musical. (...) No entanto ainda temos muito o que crescer no trato com o público externo, no intuito de agregar mais ainda, a fim de lotar as casas com uma galera que se identifica com o movimento”

A luta se configura em tentar se manter dentre preconceitos, dentre uma cultura regional que inviabiliza e exclui os que têm uma postura diferente quanto a organização social. Mesmo que eles tenham ideais diferentes necessitam estabelecer relações com o restante da sociedade que não está inclusa em sua tribo cultural. É necessário lutar para se manter culturalmente, mas manter-se nas relações empregabilidade, que é uma questão complicada para estes indivíduos, mas indispensáveis para suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho buscamos, em um primeiro momento, resgatar, contextualizando e levantando os aspectos de tribo urbana, à história de formação do movimento punk e seus desdobramentos que, vieram a formar outros gêneros como o Hardcore, que irá também ser analisado para que se configure uma análise de uma cena Punk na região do Tocantins.

No segundo momento, foram analisados 14 questionários respondidos por membros do movimento punk/Hc do Norte do Tocantins e cidades próximas como Imperatriz e Riachão, pois uma das particularidades encontradas em nossa região é que para a manutenção destes grupos faz-se necessário a ligação com outras cidades próximas.

Ao procurarmos um perfil dos participantes desses movimentos, vimos a predominância masculina. As mulheres têm consciência de sua luta para se manterem punks, tanto dentro como fora do movimento, introduzindo uma visão de si mesmas como punks feministas, para tentarem diminuir as desigualdades em torno de seus cotidianos.

Através de suas respostas, podemos ver como em sua maioria veem como empecilho viver no Norte na sua performance social. Mas mesmo assim, uma minoria afirma que gostaria de se mudar, provando que a teia de globalização a qual estão conectados permite manter suas relações e rituais indispensáveis ao sentimento de pertencimento grupal.

O preconceito é fator uníssono, que atrapalha suas relações fora do grupo, como conseguir emprego, ou até mesmo andar nas ruas sem ser considerado bandido, ou como na fala de um dos participantes “endemoniado”. Há uma falta de crença em sua capacidade intelectual. Entretanto, através de nossa pesquisa podemos constatar que é fator refutável, pois as suas ocupações são variadas.

Pela pesquisa nos foram apresentadas as peculiaridades e a identidade dos sujeitos punks do Norte que estão bem vivos, e que continuam lutando com o ideal do “faça você mesmo” para que se mantenham usufruindo deste

ritmo que constitui mais do que um gosto musical; constitui o modo como eles levam e veem suas vidas.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Revista Estudos Históricos**. Ed FGV. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 145 – 151.

AMORIM, Lidiane Ramirez. **O estilo punk na pós-modernidade: da crítica à compreensão**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

BAUER, M, W. ; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: Um manual Pratico**. Petropolis. Vozes. 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2004

BOCK, Ana Mercedes Bahia, FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias – Uma introdução ao Estudo de Psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BOTINADA. A história do punk no Brasil. Direção: Gatão Moreira. Produção: Gastão Moreira e Clemente. TORO PRODUÇÕES. São Pailo 2006. 110 min.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbolico**. Lisboa. Ed. Difel. 1989.

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernades. **Movimentos culturais da Juventude**. São Paulo. Ed. Moderna. 1995.

CARVALHO, Maria Cristina de Rabelo. **Fotografia e história: ensaio bibliográfico**. Anais do museu paulista, São Paulo. N. Serv. V. 2 p. 253-300 jan./dez. 1994

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Doutrinas de segurança nacional, banalizando a violência**. Psicol. estud; Vol.5, n.2, ano 2000, pp. 1-22.

COUTO, Sérgio Pereira. **Segredos e lendas do rock**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008

CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna Introdução às teorias do comportamento**. 3 ed. Edições Loyola, São Paulo, 1993.

EMEDIATO, L. F. **Geração Abandonda**. 6 Ed. São Paulo. EMW, 1986

ESSINGER, S. **Punk: anarquia planetária e a cena brasileira**. São Paulo: Editora 34,1999.

FICO, Carlos. **Além do Golpe, versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004

FOURNIER, Valerie. **Nouvelles Tribus Urbaines: Voyage au coeur de quelques formes contemporaines de marginalité culturelle**. Paris: Georg Éditeur, 1999.

FURTADO, Celso. **O Brasil pós- milagre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaboras projeto de pesquisa**. 4ed. São Paulo. Atlas 2008

JESUS, Weverson Cardoso de. PADOVAN, Regina Célia. **O sertão real e imaginário nas construções historiográficas regionalistas. Historien (Petrolina)**. ano 4. n. 9. PE: Historien revista acadêmica, Jul/Dez 2013: 283-295.

HALL, Stuart. **A identidade pós cultural na pós-modernidade**. 10 Ed. Rio de Janeiro : DP&A Editora, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Ed. 16º. São Paulo: Edições Loyola. 2007

JESUS, Weverson Cardoso de. PADOVAN, Regina Célia. **O sertão real e imaginário nas construções historiográficas regionalistas. Historien (Petrolina)**. ano 4. n. 9. Jul/Dez 2013

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos – declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Florence-universitária,1987.

MARQUES, Gabriela Miranda. **As artes de resistir: mulheres na cena anarcopunk (1990-2002). XXVII Simpósio nacional de história. Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal-RN- Julho 2013

MCCAIN, Gillian. MCNEIL, Legs. **Mate-me por favor, uma história sem censura do punk**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces. Tempo**. Rio de Janeiro, vol 1, nº 2, 1996, p.73-98.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música - história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autentica: 2002.

O'HARA, Craig. **A filosofia do punk- mais que barulho**. São Paulo: Radical livros, 2005.

OLIVEIRA, Roberto Canmargo. **Do Punk ao Hardecare, elementos para uma historia da música popular no Brasil**. Umberlandia. Temporalidades, revista discente do programa de pos graduação em historia da UFMG. Vol 3.

PICOLI, Bruno Antonio. **História e fotografia: algumas considerações. Visão Global**. Joçaba: Edição especial 2012, p.73-84.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 8º ed. SP: Brasiliense, 1992.

Punk: Attitude. Direção: Don Letts. Roteiro: Don Letts. Edição: Steve Miller. 2005. Realizado pelo homem-multimídia Don Letts. Lançado oficilmente no Tribeca Film Festival.

RIBEIRO, E. C. P. Movimento punk: **A insustentável rebeldia do ser**. Rio de Janeiro: Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Gama Filho. 2012. Pag.84.

RODRIGUES, Daniel. **Anarquia na passarela: A influência do movimento punk nas passarelas**. Porto Alegre: Dublinense, 2012.

TEIXEIRA, Aldemir Leonardo. **O movimento punk no ABC Paulista, anjos: uma vertente radical**. (Programa de pós- graduação em ciências sociais) PUC-SP, 2007.

APÊNDICE

Apêndice 1. Questionário

1- Idade:

() 13 – 15 () 15- 18 () 18 – 25 () 25 – 35 () 35 a mais

2- Sexo: () masculino () feminino () Outros 3-

Escolaridade:

() Ens. Fundamental () Ens. Médio () Ens. Superior

4- Profissão: _____

5- Estado Civil:

() Solteiro () Casado () Separado () Viúvo () União Estável

6- Cidade: _____

7- Desde quando se identifica com o movimento punk- hardcore?

8- Você já sofreu algum preconceito por fazer parte de um movimento punk-

Hardcore? () Sim () Não • Caso sim, relate:

9- Morar no Norte torna-se um empecilho a usufruir deste movimento?

() Sim () Não

• Se sim, em que?

- Teria vontade de morar em outro lugar para melhor usufruir do mesmo?

() Sim () Não

Se sim, porque?

10-De alguma forma as práticas culturais no Norte influenciam na maneira como você se posiciona dentro do movimento punk- hardcore?

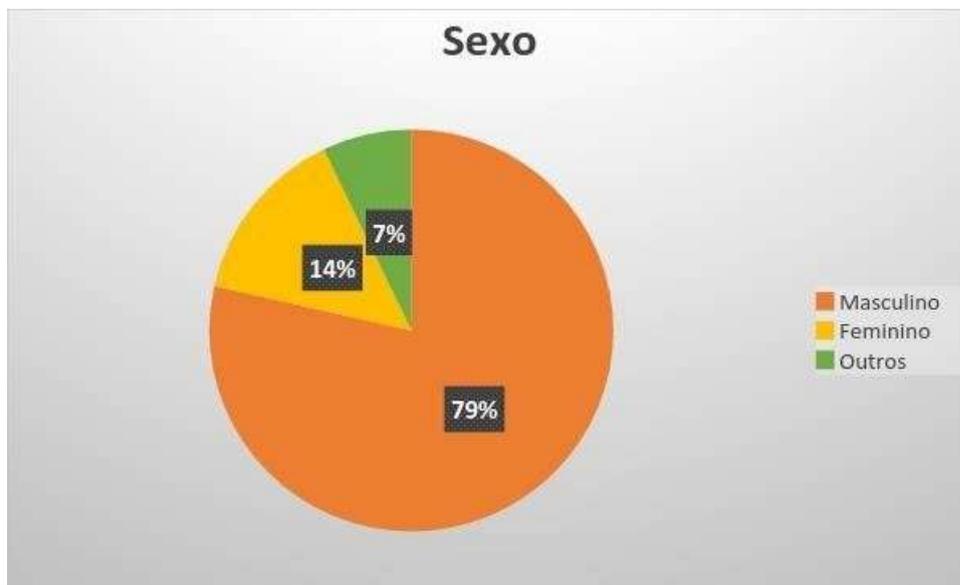
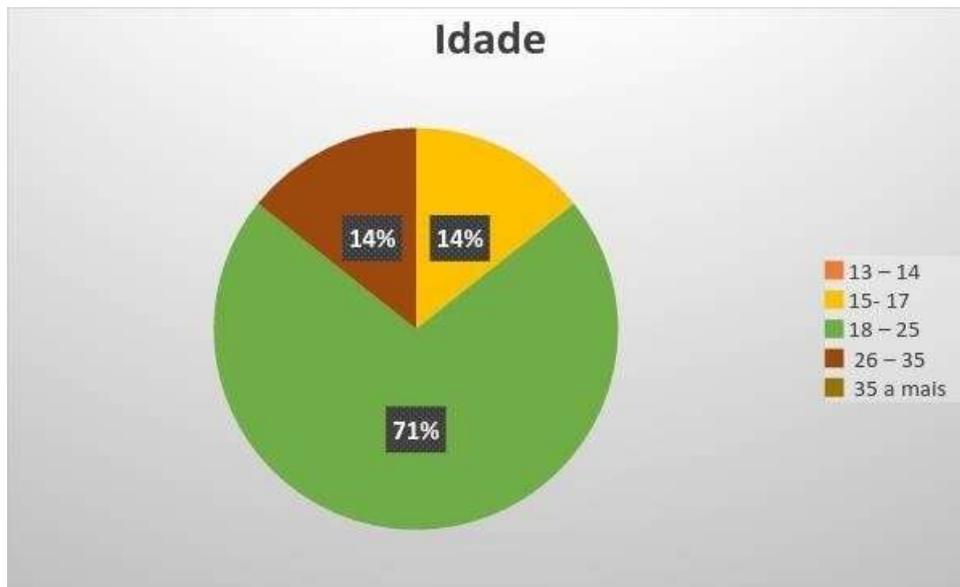
11- Em algum momento da sua vida você se sentiu cerceado (impedido) de fazer algo por fazer parte de um movimento punk-hardcore?

() Sim () Não

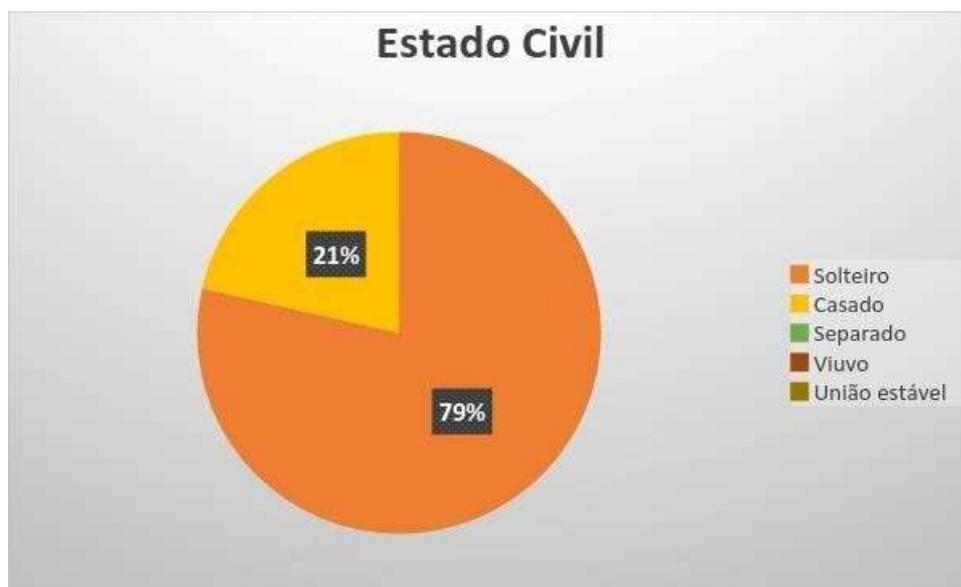
- Caso Sim, relate:

12- Como você se posiciona dentro do movimento? Como se vê, vê o outro, vê o movimento?

Apêndice 2 - Tabulação dos Dados da Pesquisa



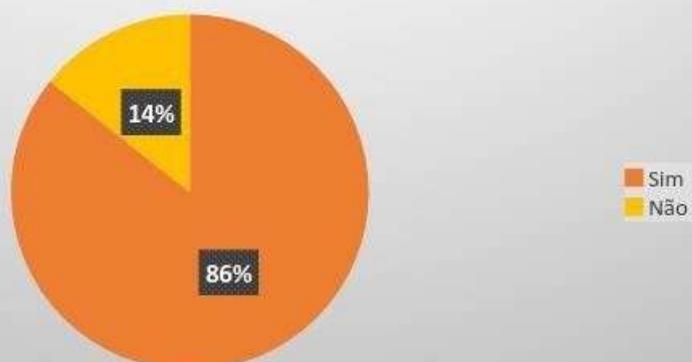




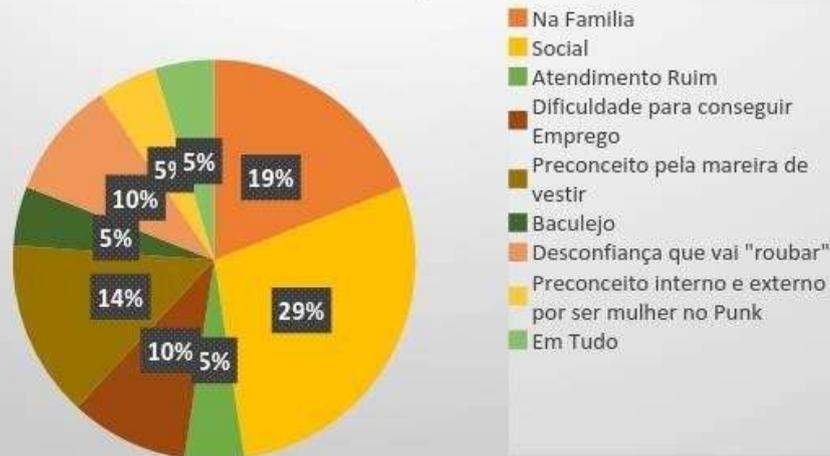
7. Desde quando se identifica com o movimento punk-hardcore?



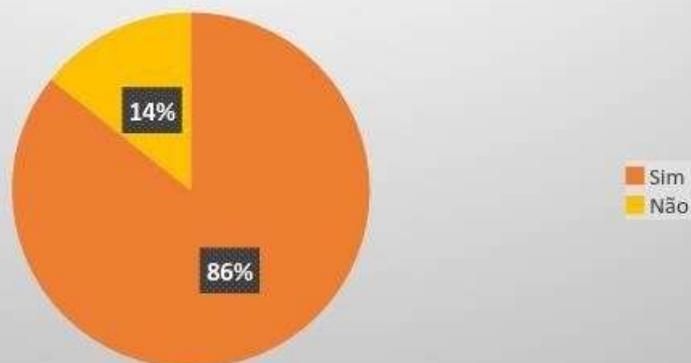
8. Voce já sofreu algum preconceito por fazer parte de um movimento punk-hardcore?

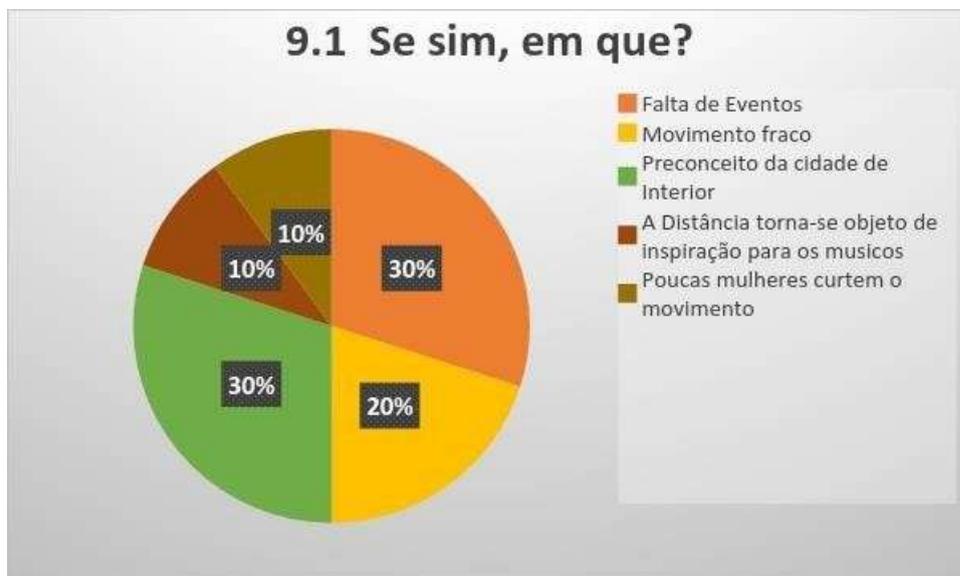


8.1 Caso sim, relate:



9- Morar no Norte torna-se um empecilho a usufruir deste movimento??





9.2.2. Se sim, por quê?

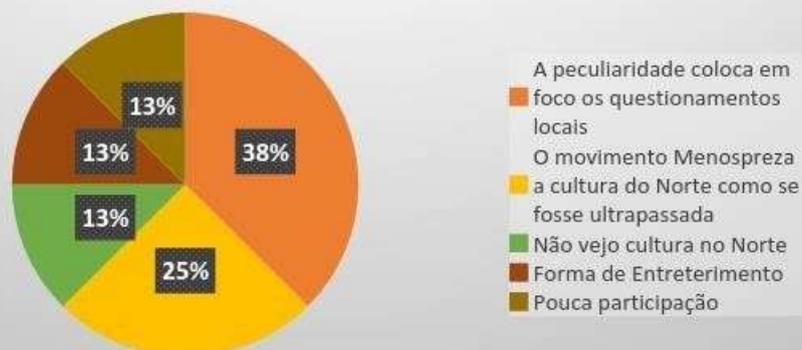
- São Paulo, o berço do movimento ou Brasília maior número de opções de show e locais de encontro.
- Brasília, porque o movimento é mais ativo e forte. Aqui é muito solitário.
 - Em grandes cidades o cena deve ser maior.
- Porque teria mais oportunidade de estar mais próximo de bandas nacionais e melhores eventos.

- São Paulo, Minas. Altos rolês e muitos show.
- NÃO. PORQUE QUEM DEVE FORTALECER O MOVIMENTO SOMOS NÓS.
- “Perda de tempo, as pessoas têm que me aceitar do jeito que sou.”

10- De alguma forma as práticas culturais no Norte influenciam na maneira como você se posiciona dentro do movimento punk-hardcore?



10.1 Como as práticas culturais no Norte influenciam?



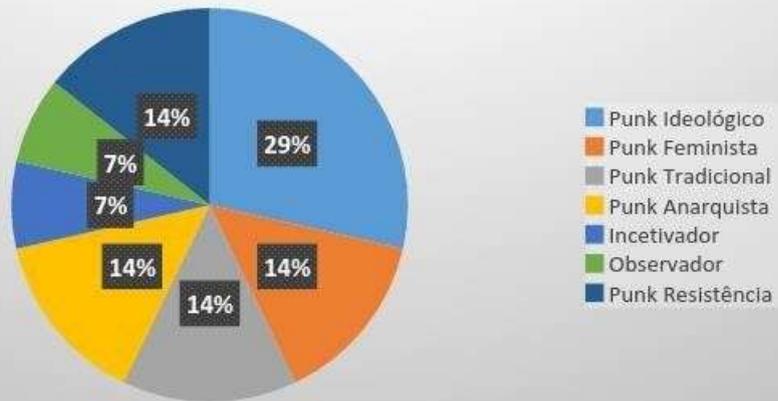
11– Em algum momento da sua vida você se sentiu cerceado (impedido) de fazer algo por fazer parte de um movimento punk-hardcore?



11.1 Caso sim, relate:



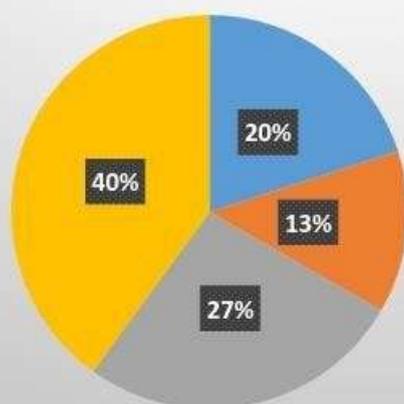
12.1 Como se vê?



12.2 Como vê o outro?



12.3 Como vê o movimento?



- As letras do Punk instigam a abrir os olhos as injustiças e preconceitos
- Punks apenas como estética sem senso ideológico
- O Punk tentando se consolidar com o esforço
- Não respondeu